

Universidade Federal de Viçosa

Centro de Ciências Humanas

Departamento de Geografia

**ASTERIX ENTRE OS ACADÊMICOS: O USO DOS QUADRINHOS PARA UMA
ANÁLISE DOS CONCEITOS DE GEOGRAFIA**

Júlia Medina de Toledo

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Geografia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa.

Viçosa – Minas Gerais

2011

“Esses romanos são uns loucos”

Obelix, o Gaulês

Banca Examinadora:

Prof. Leonardo Civale - Orientador

Departamento de Geografia/ UFV

Profa. Camila Zucon Ramos de Siqueira

Departamento de Geografia/ UFV

Erivam Morais de Oliveira

Departamento de Comunicação Social/ UFV

Agradecimentos

A realização deste trabalho seria impossível sem o apoio e carinho que recebi da minha família e de meus amigos, amo muito vocês! Muito grata primeiramente a minha mãe que com cuidado e amor me educou e ajudou muito em todas as fases da minha vida, inclusive contribuindo diretamente para a realização deste trabalho. Agradeço ao apoio do meu pai, meus irmãos e de meus avôs, tios e primos, sem o suporte da família nada disto seria possível. Agradeço também ao Cocó que com amor me alimentou nos momentos de estudo

Agradecimentos especiais aos meus queridos companheiros de república (irmãos) que me ajudaram em todas as horas de crise, com paciência e amor. Gabriel, Gonza e Lucas, quero sempre estar junto de vocês. Aos queridos vizinhos que oferecem ajuda em qualquer condição: Pepê, Denão, Digão, Gabriel, Baiminha e Juninho.

Aos amigos que estiveram diretamente ligados a realização deste trabalho, Jú e família acolhedora, Winny a amiga tranquilizadora, ao Pedro pelo rolê desestressante, a galera que quis acompanhar o trabalho: Nina, Wolak e Juju. A minha cumadi Luiza que se colocou a minha inteira disposição e meu amigo Pedroca, inspiração de todas as horas e seu pai Xicão. A Davi, Samuca, Pará, Flavinha e Ubá, e a todos os companheiros de Viçosa que compartilharam casa, copo, táxis, caronas, marmitas e tantas outras coisas.

A galera de Aiuruoca e Matutu, em especial ao Yan pelo apoio e logística, e Mayara com digitações. E um salve aos lambaris de plantão.

Aos amigos queridos de Sampa: Jubita, Juju, Lulica, Dedé, Pedrinho, Camis, Luci, Té, Aline, Fi, Danilão, Tarik, Anildes, Cucas e tantos outros que me conhecem desde dos tempos do boné e do joelho esfolado. Do tabu ao totem!

E por último, mas não menos importante, ao meu coordenador, que não só me apoiou neste momento final, mas assim como ao longo de todo o curso, fazendo com que me questionasse menos sobre a utilidade da academia. Léo muito obrigado pelos momentos de paz proporcionados no meio do desespero. E a todos os outros professores que contribuíram para o meu desenvolvimento profissional.

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO	7
2- HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E CULTURA	12
3 CULTURA, IDENTIDADE E NAÇÃO.....	18
4 ANÁLISE DAS TIRAS	36
“O COMBATE DOS CHEFES”	43
“ASTERIX E CLEÓPATRA”	47
“ASTERIX ENTRE OS BRETÕES”	51
“ASTERIX E OS GODOS”	55
5 CONCLUSÃO	59
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1-Asterix o Gaulês, GOSCINNY & UDERZO, 1968, p.3.....	37
Figura 2-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: O Domínio dos Deuses, GOSCINNY & UDERZO, 1971, p.5	39
Figura 3-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: O Domínio dos Deuses, GOSCINNY & UDERZO, 1971, p.32	41
Figura 4-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: O Domínio dos Deuses, GOSCINNY & UDERZO, 1971, p.36.	42
Figura 5- Uma Aventura de Asterix o Gaulês: O combate dos chefes, GOSCINNY & UDERZO, 19//, p.5).	43
Figura 6-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: O combate dos chefes, GOSCINNY & UDERZO, 19//, p.7.	45
Figura 7-: Uma Aventura de Asterix o Gaulês:Asterix e Cleópatra, GOSCINNY & UDERZO, 1985, p.10.....	47
Figura 8-Uma Aventura de Asterix o Gaulês:Asterix e Cleópatra, GOSCINNY & UDERZO, 1985, p.10.....	48
Figura 9-Uma Aventura de Asterix o Gaulês:Asterix e Cleópatra, GOSCINNY & UDERZO, 1985, p.22.....	48
Figura 10-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: Asterix e Cleópatra, GOSCINNY & UDERZO, 1985, p.23.....	49
Figura 11-Uma Aventura de Asterix o Gaulês:Asterix e Cleópatra, GOSCINNY & UDERZO, 1985, p.26.....	50
Figura 12-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: Asterix entre os Bretões, GOSCINNY & UDERZO, 1985, p.6.	51
Figura 13-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: Asterix entre os Bretões, GOSCINNY & UDERZO, 1985, p.19.	53
Figura 14-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: Asterix e os Godos, GOSCINNY & UDERZO, 1969, p.23.....	55
Figura 15-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: Asterix e os Godos, GOSCINNY & UDERZO, 1969, p.24.....	56

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico para a conquista do título de bacharelado em Geografia teve seus primeiros caminhos delineados no puro momento lúdico de “deliciação” de histórias em quadrinho e seu universo de aventura. A incansável e incessante jornada percorrida por Asterix mostrou um rico material em possibilidades interpretativas e educativas.

Através de conceitos importantes apreendidos em sala de aula, foi possível notar, o quão fértil em possibilidades tal “ferramenta” poderia se apresentar na pesquisa de conceitos fundamentais para a Geografia.

Analizamos em um movimento temporal/ espacial constante a obra escrita em meados da década de 50, portanto portadora do contexto específico de sua época, com os reflexos objetivos e subjetivos do autor. Além disso destacamos a perspectiva da pós-modernidade (o período atual no qual pretendo empreender análise). Por fim, nos detemos sobre o terceiro contexto, da Antiguidade, mais especificamente o auge do chamado Império Romano na Europa, no qual o autor retrata e ambientaliza seus personagens .

Através desse movimento em diferentes contextos, pretendemos empreender a discussão de conceitos da geografia em um duplo movimento: a leitura do Império Romano pelo autor, produzida na segunda metade do século XX, com seus apontamentos e conceitualizações da modernidade; e a análise dos movimentos identitários a partir de uma concepção da modernidade tardia onde elas estão sendo questionadas.

Conceitos como os de identidade, cultura, nação e nacionalismo são discutidos dentro das tiras selecionadas, de modo a se perceber os traços simbólicos importantes na composição e construção de cada conceito e sua afirmação na vida em sociedade.

Para tanto, este presente trabalho será dividido em cinco capítulos. O primeiro compreende a introdução onde serão apresentadas as aventuras de Asterix assim como os autores e conceitos trabalhados, no segundo capítulo teremos uma análise dos quadrinhos e como eles podem ser utilizados como instrumento de conhecimento e cultura. A terceira parte abrange o referencial teórico utilizado para subsidiar as análises propostas. O quarto capítulo inclui as análises dos quadrinhos, e por último a conclusão.

O conceito de cultura será abordado através de referências discutidas em “Cultura Um Conceito Antropológico”, de Roque de Barros Laraia¹, assim como nos capítulos de James S. Duncan em “O Supra-orgânico na Geografia Cultural”², e Paul Claval em “O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana”³.

Para pautar a discussão acerca de identidade foram utilizados os conceitos desenvolvidos por Manuel Castells em “O Poder do Mito”⁴, e Stuart Hall com “A identidade cultural na pós-modernidade”⁵.

O conceito utilizado para a análise das histórias em quadrinhos referente à nação foi contemplado no livro “Um Mapa da Questão Nacional”⁶, uma coletânea de textos que discutem nação e nacionalidade, organizada por Gopal Balakrishnam, professor de história na University of California, Santa Cruz, que também contribui para a discussão com o capítulo “A Imaginação Nacional”⁷. Entre os autores que compõe esse livro é possível destacar Benedict Anderson, autor da introdução e co-

¹ LARAIA, Roque de Barros. “Cultura: um conceito antropológico”. 7ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. 115 p.

² DUNCAN, James S. “O Supra-orgânico na Geografia Cultural Americana”. In: CORREA. Roberto Lobato; ROSENDAL, Zeny (orgs). Introdução à Geografia Cultural. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. Cap. 4, p. 63-103

³ CLAVAL, Paul. “O Papel da Nova Geográfica Cultural na Compreensão da Ação Humana”. In: CORREA. Roberto Lobato; ROSENDAL, Zeny (orgs). Matrizes da Geografia Cultural. 1ª edição. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. Cap. 2, p.35-87.

⁴ CASTELLS, Manuel. “O Poder da Identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 2”. 2ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000. 509 p.

⁵ HALL, Stuart. “A identidade cultural na pós-modernidade”. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.

⁶ BALAKRISHNAN, Gopal (Org). *Um Mapa da Questão Nacional*. 1ª edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

⁷ BALAKRISHNAN, Gopal. “A imaginação nacional”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da Questão Nacional*. 1ª edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 7, p. 209-227.

editor do livro, Lord Acton, com “Nacionalidade”⁸; Otto Bauer, em “A nação”⁹; Miroslav Hroch, autora de “Do Movimento Nacional à Nação Plenamente Formada: o processo de construção nacional na Europa”¹⁰; Ernest Gellner, com “O Advento do Nacionalismo e sua Interpretação: os mitos da nação e da classe”¹¹; John Breuilly, em “Abordagens do Nacionalismo”¹²; e por fim Anthony D. Smith em seu texto “Nacionalismo e os Historiadores”¹³.

As histórias de Asterix foram criadas pela dupla francesa Albert Uderzo e René Goscinny, em 1959, na França e se enquadram no perfil da banda desenhada da escola de quadrinhos franco-belga. Porém, somente em 1961 foi lançada a primeira revista da série “Asterix o gaulês”. As histórias têm como tema uma aldeia gaulesa que resiste às invasões romanas, seu personagem principal é Asterix, um pequeno guerreiro gaulês muito esperto, outro personagem principal é seu melhor amigo Obelix, carregador de menires que possui um pequeno cão chamado Idéiafix. Há muitos outros personagens importantes como o chefe da aldeia Abracurcix, o bardo Chatotorix e o druida Panoramix.

Os autores se conheceram em 1951 e trabalharam juntos até a morte prematura de René Goscinny em 1977, depois de publicar mais de 25 títulos do Asterix na companhia de Albert Uderzo, que deu continuidade para a saga produzindo mais 10 títulos e um comemorativo de 50 anos de Asterix no ano de 2009. Goscinny era responsável pelo argumento enquanto Uderzo era o responsável pelas ilustrações, apesar de ser daltônico e para colorir era necessário a contratação de um auxiliar. Desde 1961 foram produzidos 33 álbuns do Asterix traduzidos para

⁸ ACTON, Lord. “Nacionalidade”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). *Um Mapa da Questão Nacional*. 1º edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 1, p.23-45

⁹ BAUER, Otto. “A nação”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). *Um Mapa da Questão Nacional*. 1º edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 2, 45-85.

¹⁰ HROCH, Miroslav. “Do movimento nacional à nação plenamente formada: o processo de construção nacional na Europa”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). *Um Mapa da Questão Nacional*. 1º edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 3, p. 85-107.

¹¹ GELLNER, Ernest. “O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). *Um Mapa da Questão Nacional*. 1º edição. Trad. Vera Ribeiro Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 4, p.107-155.

¹² BREUILLY, John. “Abordagens do nacionalismo”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). *Um Mapa da Questão Nacional*. 1º edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 5, p. 155-185.

¹³ SMITH, Antony. O “Nacionalismo e os Historiadores”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). *Um Mapa da Questão Nacional*. 1º edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 6, p. 185-209.

107 línguas e dialetos e já venderam aproximadamente 325 milhões de exemplares, evidenciando o sucesso dos personagens no mundo todo.

As aventuras têm lugar em uma pequena aldeia da Gália (hoje França) na região da Bretanha, e contam a história da resistência dos gauleses ao Império Romano por parte da aldeia, que se encontra cercada por acampamentos romanos. Essa resistência invulgar resulta dos efeitos da poção mágica, inventada pelo druida Panoramix, ela tem a capacidade de aumentar a força da pessoa que a bebe, deixando ela praticamente invencível.

Asterix é um baixinho bigodudo, astuto e caçador, seu melhor amigo, Obelix caiu no caldeirão de poção mágica quando era pequeno e nele os efeitos da poção são permanentes, Obelix também possui o emprego de talhador e entregador de menires, este não tem a astúcia de Asterix, contudo, tem o dobro de tamanho e de peso, além de possuir um cachorrinho chamado Idéiafix.

O chefe da aldeia é Abracurcix, seu único medo é que o céu caia em sua cabeça. Outra personagem importante é o imperador Júlio César, que tenta de toda forma dominar toda a Gália, e acabar de vez com a resistência da aldeia gaulesa.

Na realidade, os gauleses foram derrotados pelos exércitos romanos, e nenhuma aldeia conseguiu resistir aos avanços do imperador Júlio César, alguns estudiosos das histórias de Asterix, argumentam que os dois criadores, se inspiraram nos acontecimentos relacionados à Segunda Guerra Mundial. Porém, em entrevistas dadas disseram que não tinham como intenção veicular ideologias políticas, portanto as interpretações realizadas não estão ancoradas na gênese das histórias, mas sim no fato de serem representações e possuírem visões particulares que estão de alguma maneira impregnadas de ideologias.

Ultimamente as histórias de Asterix viraram foco de estudo de áreas como a sociologia, história, antropologia, economia e geografia, entre outros. O próprio Asterix alcançou o status de mito. A luta do pequeno resistindo ao grande invasor representa, para muitos, a luta do local frente ao global.

O humor utilizado para caracterizar os povos retratados nas histórias, foi duramente criticado por ser reducionista e preconceituoso ao criar estereótipos tão

puros e cheios de clichês, o acréscimo de elementos modernos também é muito utilizado pelos autores como tempero para o humor, criando situações anacrônicas, como por exemplo, o trânsito nas estradas e a burocracia enfrentada nas instituições públicas.

Segundo Uderzo em entrevista dada à revista *Personnalité*¹⁴, o sucesso da saga pode ser explicado pela identificação com o fenômeno de ser atingido por forças tão poderosas que sentimos que não podemos lutar contra elas, enquanto Asterix serve de exemplo ao opor resistência às forças dominadoras. Outro fator que colaborou com o sucesso das histórias é o fato do período histórico retratado ser muito importante, o Império Romano já foi a grande potência mundial em outras épocas, e se uma pequena aldeia gaulesa conseguiu resistir bravamente ao invasor muito mais poderosos do que eles, isso inspira as pessoas a pensar dessa forma, que os pequenos também podem fazer algo.

Os relatos feitos sobre as tribos gaulesas que habitavam a região foram em sua maioria feitos pelos romanos que já possuíam formas de linguagem escrita, ao contrário dos gauleses que mantinham suas tradições e feitos heróicos cantados pelos bardos e as sabedorias cultivadas pelos druidas. Portanto, esses relatos podem ser interpretados como a forma que os romanos representavam esse povo, como guerreiros brutais e bárbaros. No entanto, há evidências de que existia uma sofisticada organização social entre as tribos. Na entrevista concedida à revista *Personnalité*¹⁵, Uderzo relata com bastante orgulho que os gauleses inventaram uma máquina agrária de tração animal muito eficiente para colher o trigo além da grande invenção do barril.

¹⁴ Entrevista com Albert Uderzo. Revista *Personnalité*. Trip Editora. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.universohq.com/quadrinhos/2009/n10092009_09.cfm> Acessado em: 10/08/2011.

¹⁵ Entrevista com Albert Uderzo. Revista *Personnalité*. Trip Editora. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.universohq.com/quadrinhos/2009/n10092009_09.cfm> Acessado em: 10/08/2011

2- HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E CULTURA

Utilizando uma espécie de licença poética, podemos dizer que as Histórias em Quadrinhos têm sua origem na pré-história, onde as práticas cotidianas eram representadas através de imagens sequenciais pintadas nas paredes das rochas e cavernas. Os egípcios também utilizavam as imagens como forma de comunicação e deixaram um vasto legado de hieróglifos, onde eram gravados os costumes e práticas de sua época¹⁶.

A origem do balão de diálogo remete-se a 1370, segundo estudiosos¹⁷, onde foi gravado em madeira uma frase dita por um romano, estabelecendo assim, a primeira aparição conjunta de uma ilustração com texto. A partir desta data, essa associação se deu cada vez mais freqüente, com ilustrações em livros, utilizando-se de práticas como a xilogravura, a litogravura e também a gravura.

As HQs se caracterizam como enredos narrados, quadro a quadro, por meio de desenhos e de textos. É fruto de uma composição de elementos visuais (imagens) e verbais (texto) que têm a mesma importância para a compreensão da história. De acordo com Eguti, os quadrinhos têm como objetivo principal a narração de fatos, procurando reproduzir uma conversação natural, na qual os personagens interagem face a face, expressando-se por palavras e por expressões faciais e corporais. Todo o conjunto de quadrinhos é responsável pela transmissão do contexto enunciativo ao leitor. Assim como na literatura, o contexto é obtido por meio de descrições detalhadas da palavra escrita. Nas HQs, esse contexto é fruto da dicotomia verbal/não verbal, na qual tanto os desenhos quanto as palavras são necessárias ao entendimento da história.¹⁸

As HQs na forma como conhecemos hoje, têm sua origem atrelada ao advento de novas técnicas gráficas implantadas na Europa, mas sua forma mais conhecida, só se deu com a expansão da imprensa norte-americana, no fim do

¹⁶ TUSSI, Graziela Bergonsi; MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypyczynski. "A história em quadrinhos como prática pedagógica no ensino". Disponível em:

<http://egal2009.easyplanners.info/area08/8313_Tussi_Graziela_Bergonsi.pdf>

¹⁷ idem

¹⁸ BASTOS, Lo-Ruama Lóring. "O Uso de História em Quadrinhos no Ensino de História". Disponível em: <www.seer.univale.br/index.php/UNIISTORIA/article/viewFile/3/8> Acessado em:

século XIX, quando charges e ilustrações seqüenciais foram parar nos jornais, ampliando a sua divulgação, além de ampliar o público dos jornais¹⁹.

No período da Grande Depressão, em 1929, nos Estados Unidos, ocorreu um expressivo crescimento deste estilo literário. O clima pesado, ocasionado pelo desemprego em massa e a crise da economia norte-americana, que se refletiu no mundo todo, gerou a criação do gênero de aventura nas HQs, através de uma realidade fantástica, esses escritores buscavam uma fuga da realidade. Esse novo gênero demonstrava os anseios da sociedade para novos modelos de conduta, inspirando a criação de mitos e heróis, onde na luta do bem contra o mau, o bem sempre prevalecia²⁰.

Na II Guerra Mundial, era necessário a criação de um super herói capaz de fazer frente às atrocidades cometidas pelo regime nazista. Surge então o Super-Homem, suas histórias impregnadas de conteúdos ideológicos em louvor à nação norte-americana, fizeram sucesso absoluto. Elas mostravam o herói em conflitos armados contra seus inimigos, e atraíram o público jovem, que visava participar de alguma forma dos conflitos bélicos travados pelo super herói.²¹

Esse período ficou conhecido como a “*Idade de Ouro*” dos quadrinhos, onde uma enorme quantidade de material de qualidade foi produzida, e foram criadas histórias de suspense e ação.

Com o reconhecimento do papel relevante das HQs em transmitir ideologias, ocorre uma apropriação destas, para suscitar sentimentos nacionalistas nos Estados Unidos da América, e assim disseminar um sentimento anti-nazista. Um reflexo claro está no surgimento do Capitão América, que defende a ideologia norte-americana tanto no nome como no uniforme²².

Nos anos de 1940, os quadrinhos ganharam reconhecimento em outras áreas, como por exemplo, na prática pedagógica. O exército Americano utilizou-se largamente desse instrumento, produzindo cartilhas que visavam o treinamento de

¹⁹ BASTOS, Lo-Ruama Lóring. Op. Cit.

²⁰ idem

²¹ idem

²² idem

soldados, a Igreja Católica também fez uso dessa prática para propagar as idéias da bíblia e dos santos; e na China comunista essa forma de literatura foi amplamente utilizada para divulgar conteúdos ideológicos. Porém, no fim da II Guerra, alguns escritores teceram sérias críticas ao uso dos quadrinhos pelo público jovem, ocasionando uma queda da produção desse gênero, culminando no fechamento de editoras²³.

Na década de 50, novos personagens, mais politizados, trazem uma nova perspectiva para as HQs, questionando a ordem política vigente e os comportamentos sociais. Agora, os quadrinhos preocupavam-se mais com o conteúdo que a forma, ao contrário das histórias de super-heróis. Essa mudança foi benéfica para a imagem das HQs, ao mesmo tempo em que elas alcançavam sucesso com os leitores, foram reconhecidas como uma manifestação artística. Uma das histórias mais conhecidas nasceu nesse período, os *peanuts*, com a turma do Charlie Brown. Esse caráter mais politizado, também pode ser notado nas tiras de Quino, com sua personagem Mafalda, que foi criada na década de 60, na Argentina²⁴.

Essa mudança no paradigma das Histórias em Quadrinhos, possibilitou uma maior aproximação com as práticas pedagógicas, representando um novo papel nas práticas educacionais, sendo incluída até mesmo em livros didáticos²⁵.

Enquanto nos Estados Unidos as HQs eram impressas em grandes tiragens nos jornais, sua origem na Europa se deu em outro contexto, em álbuns e folhas volantes de pequena tiragem para em seguida serem reunidas em periódicos. Estas também tinham como público alvo as crianças, e possuíam uma qualidade gráfica superior às dos EUA, publicadas em jornais. Na Europa, sua proliferação ocorreu devido ao surgimento do jornal humorístico ilustrado, no século XIX, quando a grande parte da população ainda era analfabeta, facilitando assim, o acesso a esses meios de informação²⁶.

²³ BASTOS, Lo-Ruama Lóring. Op. Cit.

²⁴ idem

²⁵ idem

²⁶ ALVES, José Moyses Alves. "*Histórias em quadrinhos e educação infantil*". Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141498932001000300002&script=sci_arttext>

A análise de Histórias em Quadrinhos possibilita inúmeros graus de reflexões. Ao relacionar a mensagem textual com a imagética, é necessário um grau de observação em outros tipos de informação, onde ocorre a relação de esferas científicas, artísticas e históricas, fomentado a capacidade de abstração e interpretação²⁷.

O balão de diálogo é onde se insere a mensagem verbal, ele pode variar de diversas formas para dar uma entonação que faça parte do contexto apresentado naquele quadro, em textos escritos, não existe essa possibilidade. A forma em quadros também é outro fator que contribui para aguçar a abstração, uma vez que, entre um quadro e outro, existe um vazio que deve ser preenchido pela imaginação do leitor, para dar continuidade à história²⁸.

A forma como o desenho se apresenta também é um fator que deve ser levado em consideração, visto que a imagem pode privilegiar elementos que compõe o desenho apenas colocando em perspectiva com o fundo. É muito importante ressaltar o papel do cenário nas HQs, ele pode representar o mundo e trazer aspectos históricos, paisagísticos, até mesmo de lugares comuns com ruas, cidades e edificações. Este possui grande potencial de análise, pois pode ser entendido como uma forma de representar um dado momento onde a história se passa.

Essa representação do espaço pode ser analisada pelo campo de estudos da geografia, uma vez que as escolhas dos símbolos e das imagens por parte do autor, estão relacionados com as vivências e ideologias deste, traduzidas para o papel compondo representações.

A geografia trata da representação elaborada pelos geógrafos, das formas que as sociedades e pessoas traduzem em imagens suas experiências do espaço vivido. Esta geografia consciente de sua subjetividade, busca nos discursos, nas práticas espaciais e nas representações dos homens, suas racionalidades e sentimentos de

²⁷ DEFFUNE, Glaucia. “*Relato de uma experiência de história em quadrinhos*”. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/8628/6105>>

²⁸ idem.

pertencimento, as coerências e contradições para o conhecimento do lugar, das regiões e dos territórios.²⁹

Os quadrinhos viraram foco da análise crítica a partir de 1970, quando o livro “Para Ler o Pato Donald”³⁰ da dupla Ariel Dorfman e Armand Mattelart , abriu novas perspectivas para se estudar os Quadrinhos. Umberto Eco, em seu capítulo o “Mito do Superman”³¹, também enxergou o poder de influenciar os leitores a fim de difundir uma idéia de interesse nos meios de comunicação de massa, enfatizando seu caráter de massificação da produção. Eco finaliza fazendo uma comparação entre o grau de inserção na sociedade das figuras mitológicas da antiguidade e dos Quadrinhos na sociedade contemporânea.

Outro autor que também abordou a questão das Histórias em Quadrinhos, foi Nestor García Canclini, em seu livro “Culturas híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade”³², classifica os quadrinhos como “gênero impuro”, com a capacidade de mesclar diversas coisas como o erudito e o popular, a imagem e a palavra, além de reunir características da produção de massa com a artesanal.

Canclini enxerga nas HQ’s um novo instrumento capaz de abordar temas complexos como migrações, desemprego e mercados informais, dado o seu caráter de abranger diversos aspectos e transitar entre as fronteiras.

(...)a incerteza ou a continuidade imprevista entre os territórios não é uma invenção dos autores de gibis; eles não fazem mais que pôr em evidência uma sociedade na qual as fronteiras podem estar em qualquer parte³³

Portanto, segundo Canclini, todas as culturas são de fronteira e todas as formas de linguagem são híbridas, características presentes nas HQ’s, que deste modo constituem locus privilegiado para se compreender fenômenos atuais.

²⁹ DEFFUNE, Glaucia. Op. Cit.

³⁰ DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. “Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo”. Tradução Alvaro de Moya. 2ª edição. Paz e Terra. São Paulo.

³¹ ECO, Umberto. “O mito do Superman”. In: Apocalípticos e Integrados. p. 239-281. Disponível em: <Cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/umberto-eco-apocalipticos-e-integrados1.pdf>

³² CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2000. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

³³ idem

Quando não conseguimos mudar o governante, nós o satirizamos (...). Ante a impossibilidade de construir uma ordem diferente, erigimos nos mitos, na literatura e nas histórias em quadrinhos desafios mascarados. A luta entre classes ou entre etnias é, na maior parte dos dias, uma luta metafórica. Às vezes, a partir das metáforas, irrompem lenta ou inesperadamente práticas transformadoras inéditas³⁴

³⁴CANCLINI, Néstor García.. Op. Cit. p.349.

3 CULTURA, IDENTIDADE E NAÇÃO

Primeiramente iremos apresentar o conceito de cultura, pois este subsidia os conceitos de identidade e de nação, para tanto será utilizado o livro de Roque de Barros Laraia “Cultura um Conceito Antropológico”³⁵, onde é esclarecido a origem do termo cultura sua evolução; o artigo de James S. Duncan “O Supra-orgânico na Geografia Cultural Americana”³⁶, que faz uma crítica a forma de se enxergar cultura como uma entidade superior ao homem; o capítulo de Paul Claval “O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana”³⁷ no qual discute as novas abordagens da Geografia Cultural.

Em seu capítulo “Idéias Sobre a Origem da Cultura”, Laraia destaca que inúmeros autores apontam como a origem da cultura o processo evolutivo, que desenvolveu o cérebro dos primatas, propiciou uma visão tridimensional, desenvolvimento do polegar opositor aprimorando o uso das mãos e o bipedismo. Essas características adquiridas possibilitaram um maior estímulo ao cérebro, habilitando para desenvolver a inteligência humana. “A cultura seria, então o resultado de um cérebro mais volumoso e complexo”.³⁸

Geertz faz uma importante contribuição para a discussão acerca de cultura quando conclui que o crescimento cortical do cérebro humano, aumentou em três vezes desde o início da cultura, tornando o homem não somente criador de cultura mas também um produto desta³⁹.

De acordo com Lévi-Strauss, citado por Laraia, o surgimento da cultura está condicionado ao surgimento da primeira regra de convivência, que segundo ele, seria a proibição do incesto. Para Leslie White, a cultura está associada com a capacidade humana de criar símbolos⁴⁰.

³⁵ LARAIA, Roque de Barros. Op. Cit.

³⁶ DUNCAN, James S. Op. Cit.

³⁷ CLAVAL, Paul. Op. Cit.

³⁸ LARAIA, Roque de Barros. Op. Cit p. 55.

³⁹ idem

⁴⁰ idem

Toda a cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura e o homem apenas um animal, não um ser humano⁴¹.

Porém, para entender o sentido dos símbolos, é preciso compreender a cultura que o criou.

Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os costumes do mundo, aqueles que lhes parecessem melhor, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo seus próprios costumes, tão convencidos estão de que estes são melhores do que todos os outros⁴²

A cultura faz parte do Homem, se desenvolve a partir de uma série de práticas cotidianas normalmente transmitida por seus antepassados, ou seja é adquirida, não tendo relação com as heranças genéticas, sendo as diferenças culturais resultante de um processo de aprendizado desde de seu nascimento. Sendo inato ao ser humano apenas a sua faculdade de aprender e sua plasticidade. Nem mesmo uma diferenciação entre sexos seria possível, uma vez que, em diferentes culturas os mesmos papéis podem ser atribuídos a ambos os sexos⁴³.

Nem mesmo o determinismo geográfico poderia dar conta de explicar as diferenças entre as culturas, dado que culturas diversas nasceram em condições semelhantes de disponibilidade de recursos e limitações.

“As diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente. A grande qualidade da espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações: um animal frágil, provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas dominou os ares; sem guelras ou membranas próprias conquistou os mares. Tudo isto porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura. Mas que é cultura?”⁴⁴

Laraia abordou essa questão levantando o que diversos autores já estudaram sobre o tema. Ele tenta buscar a matriz semântica do termo “cultura” no final do século XVIII, no termo germânico *Kultur*, que servia para designar os aspectos

⁴¹ WHITE *apud* LARAIA, 1993, p.56

⁴² HERÓDOTO , *apud* LARAIA, 1993, p.11

⁴³ LARAIA, Roque de Barros. Op. Cit.

⁴⁴idem. p. 24

espirituais de uma comunidade; e no termo francês *Civilization*, que representava as realizações materiais de um povo. Edward Tylor (1832-1917) unificou os dois termos na palavra inglesa *Culture*⁴⁵:

[...] tomada em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade⁴⁶.

Enfatizando o sentido de aprendizado adquirido e refutando a idéia da transmissão por genes, defendida por deterministas biológicos. Mas Tylor somente realizou a formalização do termo, antes dele pensadores com John Locke (1632-1704) já haviam tecido teorias acerca da capacidade da mente humana de obter conhecimento começando do zero, processo esse que Locke chamou de “endoculturação”⁴⁷.

Muitos pensadores decorreram desde Tylor, que formularam suas teorias enfocando o papel da educação em detrimento do natural, como Marvin Harris (1969), Jacques Turgot (1727-1781). Até que Kroeber rompeu de vez os laços que ligavam o cultural e o biológico em seu artigo o *Superorgânico* (1917)⁴⁸.

Estamos descrevendo a cultura e não os indivíduos que nela participam, obviamente, a cultura não pode existir sem os corpos e as mentes que lhe dão vida: mas cultura é também algo desses participantes e para além deles, a sua totalidade é distintamente maior que a soma de suas partes, uma vez que ela é de natureza supra orgânica e supra individual, uma entidade com uma estrutura, um conjunto de processos e ímpeto próprio, embora claramente suscetível aos eventos históricos e condições socioeconômicas⁴⁹.

Kroeber ainda salienta que cada civilização determina o papel de cada indivíduo sobre ela e com isso seus efeitos, sendo simplesmente um agente das forças culturais, um emissário de informações entre lugares e gerações⁵⁰.

Laraia resume as contribuições de Kroeber (1917) em oito pontos que podem ser sintetizados do seguinte modo: a cultura determina o comportamento do Homem, e sua herança genética pouco ou em nada contribui para isso; os instintos

⁴⁵ LARAIA, Roque de Barros. Op. Cit.

⁴⁶ TYLOR, *apud* .LARAIA, Roque de Barros, Op. Cit. p.25

⁴⁷ LARAIA, Roque de Barros. Op. Cit

⁴⁸ *idem*

⁴⁹ ZELINSKY, *apud* DUNCAN James.Op. Cit. p.72

⁵⁰ DUNCAN, James S. Op. Cit.

humanos foram praticamente anulados nos seus processos evolutivos, portanto ele age de acordo com seus padrões culturais; o Homem através da cultura cria meios de evoluir, ao invés de se adaptar biologicamente, ele cria seu próprio equipamento superorgânico; o ser humano transformou todo o planeta Terra em seu habitat; com a cultura o homem passou a depender cada vez mais do aprendizado em detrimento de atitudes geneticamente determinadas; é esse processo de aprendizado que irá determinar seu comportamento e suas capacidades profissionais e artísticas; a cultura é um processo de acumulação que resulta de todo conhecimento prévio, como por exemplo, as experiências históricas, através desse processo a ação criativa acaba por ser limitada ou estimulada; os indivíduos com capacidades de utilizar o conhecimento precedente para criar soluções ou novas técnicas podem ser considerados gênios⁵¹.

A teoria do *Superorgânico* se pauta na concepção holística do mundo, onde a cultura é tida como um ser acima do homem, que responde às suas próprias lógicas. Assim como Kroeber, outros autores como Robert Lowie, Leslie White e Carl Sauer também são adeptos dessa teoria, que marcou o início do determinismo cultural na antropologia americana, onde a ênfase recai sobre a sociedade ao invés do indivíduo. Dessa forma, não era mais necessário estudar os processos psicológicos⁵².

Kroeber diz que a partir da cultura o Homem supera suas limitações orgânicas, uma vez que, o modo como ele exerce suas atividades vitais varia de cultura para cultura, onde seus instintos foram parcialmente apagados, classificando-o como um ser predominantemente cultural, já que seu comportamento nada tem a ver com os genes. Para ele “o processo do desenvolvimento da civilização é claramente acumulativo: conserva-se o antigo, apesar da aquisição do novo”⁵³.

As críticas à teoria supra-orgânica de cultura, tangem a questões como a falta de clareza para classificar os diferentes níveis de comportamento, onde estaria a divisão entre o individual e o supra-orgânico; outro ponto desta teoria que vem

⁵¹ LARAIA, Roque de Barros. Op. Cit.

⁵² DUNCAN, James S. Op. Cit.

⁵³ KROEBER, *apud* LARAIA, Roque de Barros. Op. Cit. p 40

sendo refutado refere-se à questão do indivíduo ser tratado como um ser passivo e impotente com sua capacidade de autodeterminação anulada, respondendo apenas aos aspectos superiores da cultura; e por fim, essa teoria ao enfatizar a origem cultural das instituições, não credita o mérito das interações sociais, mascarando os interesses que permeiam as interações, e deixando questões como as interações sociais sem respostas.

Quando as instituições são vistas como produtos Da cultura, muitas vezes se esquece o fato de que elas são resultado da interação cultural e, freqüentemente, representam os interesses de alguns grupos em oposição a outros⁵⁴.

Outros pensadores que abordaram a temática da cultura, não atribuíram um caráter tão homogêneo assim como na teoria do “*Superorgânico*”. O antropólogo alemão Franz Boas (1858-1949), que desenvolveu a idéia de particularismo histórico, ou como ficou conhecido a Escola Cultural Americana, onde reconhece que os caminhos percorridos por cada cultura são decorrentes dos eventos históricos que enfrentou⁵⁵.

Segundo Claval, a cultura é desenvolvida em função do ambiente em que se encontra o indivíduo, e, portanto não pode ser unificada, uma vez que, se constitui de elementos retransmitidos e assimilados, tornando a cultura única de cada indivíduo⁵⁶.

Para Laraia, todos os sistemas culturais estão em constante transformação, essas transformações podem ser resultantes de dinâmicas internas da própria cultura, ou geradas pelo contato de sistemas culturais distintos.

Apesar de inúmeras divergências quanto aos conceitos que definem cultura e de que maneira ela opera, uma série de pensadores concordam com a visão de cultura como um processo adaptativo que podem ser estabelecidos em quatro fundamentos descritos por Roger Keesing (1974) : a cultura é vista como um sistema de padrões de comportamento socialmente transmitido, utilizados para adequar as comunidades nos meios em que se encontram; eles dão ênfase no

⁵⁴ DUNCAN, James S. Op. Cit. p.78.

⁵⁵ LARAIA, Roque de Barros. Op. Cit.

⁵⁶ CLAVAL, Paul. Op. Cit.

processo de adaptação comparando à seleção natural; consideram que os elementos de organização social que estão diretamente ligados à produção compõem o domínio mais adaptativo da cultura, e é por onde ocorrem as mudanças estruturais que depois se ramificam; as ideologias que compõem os sistemas culturais podem acarretar em diferenças adaptativas no controle populacional, na forma de sobreviver e na manutenção dos ecossistemas⁵⁷.

As interações de um indivíduo com outros modelam a natureza do seu ser. Portanto, esse indivíduo é, em parte um produto desse contexto, bem como um produtor e um sustentador desse contexto⁵⁸.

Laraia acredita que a cultura condiciona a visão do homem, como se fosse uma lente a partir da qual o indivíduo vê o mundo, podendo interferir no plano biológico, através da fé em sua cultura, o homem pode ocasionar curas e doenças. Cada cultura tem sua própria lógica, onde indivíduos participam de formas diversas, essa participação geralmente segue distinções por idade ou sexo⁵⁹.

[...] a cultura é agora o meio partilhado necessário, o sangue vital, ou talvez, antes, a atmosfera partilhada mínima, apenas no interior da qual os membros de uma sociedade podem respirar e sobreviver e produzir. Para uma dada sociedade, ela tem que ser uma atmosfera na qual podem todos respirar, falar e produzir; ela tem que ser, assim, a *mesma* cultura⁶⁰.

Dentro do contexto da Geografia Cultural, a abordagem proposta por Paul Claval⁶¹, visa compreender a cultura a partir das vivências realizadas por cada pessoa em cada lugar, e entender o porquê diferentes indivíduos possuem sentimentos distintos associados aos mesmos lugares.

Por que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não os percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas e em função dos mesmos critérios, não descobrem as mesmas vantagens e os mesmos riscos. Não associam a ele os mesmos sonhos e as mesmas aspirações, não investem nele os mesmos sentimentos e a mesma afetividade?⁶²

⁵⁷ LARAIA, Roque de Barros. Op. Cit.

⁵⁸ DUNCAN, James S. Op. Cit. pp.87-88

⁵⁹ LARAIA, Roque de Barros. Op. Cit.

⁶⁰ GELLNER, *apud* HALL, Stuart. Op. Cit., p. 59)

⁶¹ CLAVAL, Paul. Op. Cit.

⁶² idem p. 40.

Em seu capítulo “Reflexões sobre as identidades e territorialidade”, Claval⁶³ salienta a relação intrínseca que ocorre entre a construção de identidade com a organização do território, dando ênfase nos estudos da territorialidade para a compreensão dessa relação de criação de identidade.

O estudo da territorialidade tem tanto significado para as sociedades modernas quanto para as que permaneceram tradicionais (Bonne Maison Et al: 1996). Após o processo de globalização, grande parte da diversidade material das culturas desapareceu. Muitos ancoraram suas identidades nos aspectos sensíveis de seu meio ambiente, tanto quanto nos valores ou crenças que compartilham. Para limitar o impacto da globalização nesse domínio, a preservação das paisagens tradicionais tornou-se uma preocupação política de muitos países ocidentais. Ao mesmo tempo, nos meios ambientes urbanos os bandos de jovens redescobriram formas de territorialidade geralmente associadas a grupos primitivos⁶⁴.

Outra vertente utilizada para pautar as discussões acerca da geografia cultural é a da análise da comunicação. Ela tem como pressuposto que por meio da comunicação é que a cultura consegue se edificar, como esse processo é constante, ele não pára de evoluir e não se limita ao lugar onde foi gerado primeiramente. Através das trocas sociais os indivíduos aprendem sobre o funcionamento do ambiente em que vivem, beneficiando-os ao mesmo tempo em que constroem uma identidade. As normas de uma comunidade são estabelecidas a partir de critérios de funcionalidade, determinam o que deve ser preservado ou descartado⁶⁵.

Os seres humanos diferem em sexo, idade e muitos detalhes de seus corpos e espíritos. A cultura dos grupos sociais é incrivelmente variada, a bagagem que as pessoas recebem no início da vida, da família e da vizinhança é constantemente transformada e atualizada em função da diversidade das situações com as quais elas são confrontadas e dos contatos que estabelecem. De uma região a outra, o conteúdo das culturas difere mais ainda. Há, no entanto, uma capacidade muito utilizada: a de se comunicar⁶⁶.

O caráter diverso da cultura pode ser percebido em todas as esferas, como entre os indivíduos, grupos, lugares ou períodos, segundo Claval⁶⁷, porém ela está propensa a um fator imperativo, o da comunicação.

⁶³ CLAVAL, Paul. Op. Cit. p.67

⁶⁴ idem

⁶⁵ idem

⁶⁶ idem pp. 71-72.

⁶⁷ CLAVAL, Paul. Op Cit.

A forma como essa cultura se internaliza, segundo Zelinsky⁶⁸, atua gerando um tipo comum de personalidade, entendido como “caráter nacional”. Porém, esse caráter nacional, não se exprime como uma homogeneidade em função dos papéis que os indivíduos ocupam nessa sociedade segmentada, segundo essa teoria, os comportamentos são prescritos pelos papéis que as pessoas ocupam na sociedade e não pela cultura como um todo.

A questão de caráter nacional só pode ser entendida a partir da concepção de como as identidades se constituem e atuam. Portanto para embasar a discussão serão utilizados os livros de Manuel Castells “*O Poder da Identidade*”⁶⁹, e de Stuart Hall “*A Identidade cultural na pós-modernidade*”⁷⁰, que além de abordar a temática da identidade também contribui com a discussão acerca da questão de como as identidades nacionais são formadas e como elas se comportam em um mundo cada vez mais conectado.

Segundo Castells⁷¹, a formação da identidade ocorre quando significados são construídos com base em um atributo cultural, ou com base na inter-relação de um conjunto de atributos culturais. A identidade se difere dos papéis, que são definidos por normas estruturadas pelas instituições da sociedade e organizam as funções, já a identidade é fonte de significado para a própria pessoa que a constrói a partir de um processo de “individualização”, e autoconstrução. Assim a identidade organiza os significados ao atribuir conteúdo simbólico para as coisas.

A construção da identidade vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço⁷².

A identidade pode assumir dois aspectos: um que agrega características de um grupo, como por exemplo, as feministas, mulheres que reivindicam uma melhor

⁶⁸ DUNCAN, James S. Op. Cit

⁶⁹ CASTELLS, Manuel. Op. Cit.

⁷⁰ HALL, Stuart. Op. Cit.

⁷¹ CASTELLS, Manuel. Op. Cit.

⁷² CASTELLS, Manuel. Op. Cit. p. 23.

posição social; E outro que identifica características alheias a pessoa ou ao grupo, como por exemplo, cristãos em oposição a aqueles que não crêem em cristo.

O conteúdo simbólico é determinado pelos construtores da identidade, eles que dão significado e orientam as interpretações dos símbolos. Segundo Castells⁷³ há três tipos de formação de identidade: a legitimadora, que visa expandir sua dominação em relação aos outros atores sociais; a identidade de resistência, onde os sujeitos que se encontram em uma situação desvalorizada se organizam para ganhar visibilidade e direitos; e a identidade de projeto, formada a partir de algum material cultural para redefinir a posição do grupo na sociedade.

A identidade formada pela resistência acarreta em uma formação de comunidades, onde a opressão é combatida por um grupo organizado em função de uma identidade nova de resistência, uma vez que as velhas identidades impostas já não servem mais⁷⁴.

As pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local, seja ele a vila, a cidade, o subúrbio formando redes sociais entre seus vizinhos. Por outro lado, identidade locais entram em intersecção com outras fontes de significado e reconhecimento social, segundo um padrão altamente diversificado que da margem a interpretações alternativas⁷⁵.

Na era da globalização muito tem se discutido quanto à questão das identidades e de como essas vão se estabelecer no mundo conectado, se haverá um fortalecimento das identidades locais ou se vão compor uma mistura híbrida com aspectos mundiais, descaracterizando assim os lugares.

As etnias são fontes de significados para as comunidades culturais, que se estabelecem sobre outras fontes como a religião e o nacionalismo. Contudo, é a etnia que serve de sustento para a criação de “trincheiras defensivas, territorializadas em comunidades locais”⁷⁶.

Fundamentalismo religioso, nacionalismo cultural, comunas territoriais são, via de regra, reações defensivas. Representam formas de reação a três ameaças fundamentais, detectadas em todas as sociedades, pela maior parte da humanidade neste fim de

⁷³ CASTELLS, Manuel. Op. Cit.

⁷⁴ idem

⁷⁵ idem. p. 79

⁷⁶ CASTELLS, Manuel. Op. Cit.

milênio: à globalização, que dissolve a autonomia das instituições, organizações e sistemas de comunicação nos locais onde vivem as pessoas; à formação de redes e à flexibilidade, que tornaram praticamente indistintas as fronteiras de participação e de envolvimento, individualizando as relações sociais de produção e provocam a instabilidade estrutural do trabalho, do tempo e do espaço, e à crise da família patriarcal, ocorrida nas bases da transformação dos mecanismos de criação de segurança, socialização, sexualidade e, conseqüentemente, de personalidades. Quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem conceber. Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas se agarram a espaços físicos, recorrendo à sua memória histórica. Quando o sustentáculo patriarcal da personalidade desmorona, as pessoas passam a reafirmar o valor transcendental da família e da comunidade como sendo a vontade de Deus⁷⁷.

Stuart Hall⁷⁸ traz à tona o debate acerca de questões que abordam as mudanças que vêm ocorrendo na formação das identidades. No mundo cada vez mais conectado e interativo, novas identidades afloram e fragmentam-se às velhas, tornando os sujeitos fragmentados e descentrados. Segundo o autor esse duplo deslocamento, tanto do mundo cultural e social quanto de si mesmo, gera a “*crise de identidade*”, objeto de sua análise nesse livro.

Para isso ele recorre a outros autores que se debruçaram sobre o tema da identidade cultural, modernismo e pós-modernidade como David Harvey, Michel Foucault, Giddens, Laclau, Marx e outros⁷⁹.

Com o contato de diferentes lugares possibilitado pela globalização, ocorrem inúmeras mudanças na ordem social, que influenciam nas formas de organização moderna, como as instituições. Estas são inteiramente novas, porém possui uma “pseudo” continuidade com as velhas formas. A prática cotidiana, dessa forma, é alterada mexendo com ponto mais interno do indivíduo. O que David Harvey⁸⁰ definiu como um rompimento impiedoso com qualquer condição precedente que caracterizaria um processo contínuo de fragmentações internas no próprio ser. E Laclau⁸¹ chamou de deslocamento, onde o centro de uma estrutura é deslocado e

⁷⁷ CASTELLS, Manuel. Op. Cit.. p. 85

⁷⁸ idem

⁷⁹ idem

⁸⁰ HARVEY, David. “*Condição pós-moderna*”. 13ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 348 p.

⁸¹ LACLAU, Ernest *apud*: HALL, Stuart. Op. Cit.

em seu lugar surgem inúmeros novos centros de poder, então, segundo Laclau, há uma mudança intrínseca na sociedade, que está sendo “descentrada” e “deslocada” por forças fora de si mesmas.

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma de diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades – para os indivíduos⁸².

A noção do indivíduo passou por uma grande transformação devido às mudanças ocorridas na modernidade, rompeu-se com a ordem vigente onde as posições eram divinamente estabelecidas, e passou-se a enxergar o sujeito como soberano, possuindo autonomia para escolher entre as inúmeras identidades possíveis, libertas do peso da tradição. Essa nova concepção do sujeito, mais individualizada foi essencial para o desenvolvimento do sistema capitalista, uma vez que a prática com um caráter mais utilitarista levava cada indivíduo a pensar as conseqüências de seus atos separadamente dos outros. Porém com os avanços da sociedade moderna as configurações assumidas tornaram-se mais coletivas e sociais, fazendo com que novamente a concepção sobre o sujeito, precisasse ser revista, papel que coube à sociologia, onde o indivíduo é visto como fruto das relações sociais e da forma como o sujeito internaliza essas interações⁸³.

Houve cinco grande passos fundamentais para a descentração da identidade e do sujeito, segundo Hall⁸⁴. Começando com Karl Marx em “O Capital”, ao dar ênfase nas relações sociais ao invés de uma concepção abstrata do Homem, Marx deslocou duas peças fundamentais da filosofia moderna, de que “há uma essência universal de Homem e que essa essência é o atributo de cada indivíduo singular, o qual é seu sujeito real”; o segundo descentramento é resultado da descoberta do inconsciente por Freud, que acaba com a teoria de indivíduo racional e cognoscente, munido de uma identidade única e estável; o terceiro descentramento está relacionado a Ferdinand de Saussure, que trabalhou com a temática da lingüística estrutural, onde afirma que a linguagem tem origem social e não individual, e portanto ao usarmos a linguagem estamos utilizando uma série de “significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”, (HALL, 1992,

⁸² HALL, Stuart. Op. Cit.

⁸³ idem

⁸⁴ idem

p. 40); Michel Foucault apresenta um novo componente: o poder disciplinar que se estabelecem nas novas instituições modernas e tem como objetivo manter o ser humano obediente e disciplinado para atender às normas sociais, individualizando o sujeito; e por fim, o último grande descentramento está relacionado ao movimento feminista e com os outros movimentos sociais que emergiram nos anos 60, visando uma identidade para cada movimento, dando início à *política de identidade*. O grande feito desse movimento foi o de questionar as esferas privadas, questionando as formas como as identidades são formadas no subjetivo, como os processo de identificação como homem e mulher.

[...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos por outros⁸⁵.

Existe consenso entre os autores de que a globalização está deslocando as identidades culturais nacionais, eles apontam três possíveis conseqüências para isso: a desintegração das identidades nacionais produto da uniformização da cultura e do pós-moderno global; o fortalecimento das identidades nacionais e identidades locais como forma de resistência à homogeneização; e por ultimo, a formação de novas identidades híbridas. Todas as teorias levantadas apontam para o conflito entre o “global” e o “local”⁸⁶.

Essa tendência provocada pelas trocas aceleradas de informações por meio da comunicação imediata de todos os pontos do planeta ocasiona direções antagônicas, ao passo que cria relações de identidades que não estão vinculadas à tradição e ao lugar, ocorre uma valorização do lugar, onde a globalização explora essa especialização do local, mercantilizando a tradição.

De acordo com essas “metanarrativas” da modernidade, os apegos irracionais ao local a ao particular, à tradição e às raízes, aos mitos nacionais e às “comunidades imaginadas”, seriam gradualmente substituídos por identidades mais racionais e universalistas. Entretanto, a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do “global” nem a persistência, em sua velha forma nacionalista, do “local”. Os deslocamentos ou os desvios da

⁸⁵ HALL, Stuart. Op. Cit. p.39

⁸⁶ HALL, Stuart. Op. Cit

globalização mostram-se afinal, mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas ou seus oponentes⁸⁷.

A formação de identidades mais fluídas e menos unificadas é uma das conseqüências da modernidade tardia, ao incorporar novas possibilidades de identificação. Assim como as pessoas que migraram de suas terras e são obrigadas a assimilar novas culturas, elas mantêm a identidade cultural pré-existente, formando identidades *traduzidas* entre as fronteiras existentes. Outra conseqüência analisada por Stuart Hall⁸⁸ é a revalorização da *tradição*, que pode ser observado nas manifestações nacionalistas e no retorno do fundamentalismo, essa busca por pureza pode ser encarada como uma reação ao “caráter forçado da modernização ocidental”.

Então, temos duas vertentes apontadas como possíveis: a da *tradição* e da *tradução*, enquanto uma busca um elo forte com os costumes de seus antepassados e visa preservar as raízes identitárias que estão sendo ameaçadas pelo contato com outras culturas, a vertente da *tradução*, por sua vez, produz culturas híbridas, na qual ocorrem identificações com várias identidades, não sendo possível unificá-las sobre um eu coerente⁸⁹.

O Estado-Nação moderno constitui uma das fontes mais significativas de construção de identidade cultural para o indivíduo. Ele é pensado como se fizesse parte da nossa natureza, porém não é intrínseco ao Homem, essa identidade nacional é fruto do processo de representação. O próprio Estado nacional é uma representação política. Ele também produz sentidos e cria um sistema de representação cultural. Tornando-se assim uma comunidade simbólica que gera laços de identidade e lealdade⁹⁰.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influência e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias

⁸⁷ HALL, Stuart. Op. Cit p.97

⁸⁸ HALL, Stuart. Op. Cit p.94

⁸⁹ HALL, Stuart. Op. Cit

⁹⁰ idem

que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma “comunidade imaginada”⁹¹.

A história da nação é constituída por diversos pontos, como a narrativa da nação, onde as histórias e lendas são contadas, dando significado para a realidade fatigante, é através da narrativa das nações que encontramos o sentido de continuidade das nossas existências, ela nos conecta com o passado e o futuro. Outro ponto ressaltado é o da origem, onde ocorre a exaltação da tradição e da continuidade. Essa invenção da tradição visa internalizar um conjunto de regras e valores de comportamento via repetição, que diretamente está ligada à idéia de continuidade com o passado histórico. A criação de um mito fundacional também pode ser entendida como um dos pontos fundamentais para a narrativa nacional é a partir dele que o passado se distancia da história vivida por aquele povo e se perde em tempos fictícios. E como último recurso da construção da narrativa temos a referência ao povo original que preexistia dando base para a nação⁹².

A palavra nação além de significar Estado-Nação também se remete a uma condição de pertencimento, que tem suas origens mais antigas do que o atual Estado-Nação moderno. Ela visa unificar a sociedade sob a égide de uma mesma cultura nacional, apesar de no seu interior atravessarem “profundas divisões e diferenças internas, sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural”⁹³.

Segundo Otto Bauer⁹⁴ a nação pode ser entendida a partir do conceito de caráter nacional, que é mutável, transforma-se de acordo com o período que está sendo tratado. Porém, para Bauer a dúvida a ser esclarecida é como se forma essa comunhão do caráter nacional, e como esse caráter nacional, apesar de ser formado por identidades, muitas vezes contraditórias em seu interior, se difere das outras nações.

As diferentes condições de vida produziram então, nas várias tribos, características particulares. (...). Desse modo, as diferentes tribos

⁹¹ HALL, Stuart. Op. Cit pp.50-51.

⁹² idem

⁹³ idem. p.62.

⁹⁴ BAUER, Otto. Op. Cit.

desenvolveram-se em povos diferentes, cujas peculiaridades herdadas acabaram sendo distintas. (...). A unificação das tribos num povo não pode ser concebida em termos dos fatos naturais da hereditariedade, que só podem explicar a divisão de um povo em segmentos, e nunca a criação de uma nação a partir de tribos diferentes; essa unificação só pode ser concebida em termos das influências efetivas da cultura comum⁹⁵.

As comunidades se diferem na maneira como organizam suas formas de produção, estabelecendo uma cultura mental particular, a partir dessa perspectiva a nação é constituída por valores culturais que foram transmitidos através das gerações anteriores.

As tradições contêm uma resposta para lidar com as questões temporais e espaciais, pois elas inserem um contexto de continuidade com o já vivenciado, por isso as comunidades tradicionais veneram o passado, pois este contém todas as experiências acumuladas pelos seus antepassados e organizam uma estrutura simbólica que dá sentido as suas ações, constituindo assim uma cultura comum.

A nação é uma alma, um princípio espiritual. (...) Uma nação é uma grande solidariedade, criada pelo sentimento dos sacrifícios que foram feitos e daqueles que se está disposto a fazer no futuro. Ela pressupõe um passado; mas resume-se, no presente, num fato tangível: no consentimento, no desejo claramente expresso de continuar a viver em comum⁹⁶.

A nação como fruto de uma imaginação coletiva oferece aos indivíduos a chance da imortalidade, que antes era oferecida pela Igreja, ela nos faz superar o medo do esquecimento e da morte com a promessa de fazer parte da história da nação, através da identificação com a mesma.

O nacionalismo pode ser entendido como o sentimento de pertencer a uma nação e de se identificar com ela, já a nação é concebida como uma força de união e estabilidade mais antiga que o projeto nacionalista⁹⁷.

O autor Miroslav Hroch⁹⁸ também se debruçou sobre as teorias do nacionalismo e nação, ele recorda que as nações não são constituídas por apenas uma combinação de características, mas, sim de uma combinação de vários

⁹⁵ BAUER, Otto. Op. Cit.p.48

⁹⁶ RENAN, Ernest. *apud* SMITH, Antony. Op. Cit.

⁹⁷ SMITH, Antony. Op. Cit

⁹⁸ HROCH, Miroslav. Op. Cit.

elementos compartilhados, como a língua, a economia, paisagem, religião e inúmeros outros que refletem no subjetivo da consciência coletiva. Porém, apesar de resultar em uma combinação de diversos fatores, existe três que foram identificados pelo autor como essenciais para efetuar a construção de uma nação, são eles: a lembrança de um passado comum; uma ligação cultural e de linguagem que permita uma comunicação mais fluída dentro do grupo do que fora dele; e por fim uma organização que garanta a igualdade de todos que pode ser entendida como sociedade civil.

Outra vertente de pensamento vê a nação como uma herança natural, uma comunhão de destino, onde os laços se mantêm fortes ao compartilhar uma mesma língua⁹⁹.

Quando se está no interior de uma nação é difícil distinguir as semelhanças que unem as pessoas, porém quando colocado em uma terra estrangeira o indivíduo percebe a ligação que ele estabeleceu com os sujeitos de sua terra natal. Por isso muitos autores concordam em afirmar que o exílio é o berço da nacionalidade, pois as identidades são formadas muitas vezes na negação do outro. É mais difícil identificar o que nos une do que nos difere¹⁰⁰.

Portanto, segundo Hall¹⁰¹, a dominação de um povo por um agente externo, evidência as relações de dominação que se camuflam quando o poder é exercido por um membro da própria comunidade, ou seja, é mais fácil de identificar e também lutar contra essa dominação quando ela é nítida aos olhos da nação.

Segundo Anthony Smith¹⁰², o nacionalismo tem como base as comunidades étnicas do passado, porém concorda com outros autores como Gellner¹⁰³ que o vêem como um fenômeno moderno. Breuilly¹⁰⁴ ressaltou a importância do caráter político do nacionalismo, dos interesses político que resultam nas instituições.

⁹⁹ BAUER, Otto. Op. Cit.

¹⁰⁰ idem

¹⁰¹ HALL, Stuart. Op. Cit.

¹⁰² SMITH, Anthony. Op. Cit

¹⁰³ GELLNER, Ernest. Op. Cit

¹⁰⁴ BREUILLY, John. Op. Cit.

Para Lord Acton¹⁰⁵ a nacionalidade surge a partir do momento em que o povo não quer mais ser controlado pelo passado, e pretende-se soberano. O que para o Sr. Mill, pode ser entendido que as fronteiras políticas coincidam com as da nacionalidade, só assim se estabelece a condição necessária para se constituir uma instituição livre. Segundo John Breuilly¹⁰⁶, que analisa o nacionalismo a partir do seu caráter político, ele pode suprir o desejo moderno de formação de identidades. E está pautada na premissa de que toda nação deve ter autonomia política e, portanto, um Estado soberano que a legitime.

“Difícilmente se sabe o que qualquer divisão da raça humana deve ter a liberdade de fazer, a não ser determinar com qual dos diversos corpos coletivos de seres humanos estes optam por se associar.” É através desse ato que uma nação se constitui. Para ter uma vontade coletiva, a união é necessária, e a independência um requisito para afirmá-la. Mais do que a deposição dos monarcas ou a revogação das leis, a noção de soberania do povo pede a união e a nacionalidade. (...). Assim, a teoria da nacionalidade provém dos dois princípios que dividem o mundo político: o da legitimidade, que ignora suas reivindicações, e o da revolução, que as assume. Pela mesma razão, ela é a principal arma da segunda contra a primeira¹⁰⁷.

Alguns autores discordam quanto ao fato de um estado constituir uma nacionalidade identitária, porém concordam quanto ao fato de uma nacionalidade constituir um Estado vai contra a corrente da sociedade moderna.

No segundo volume do livro “*O Poder da Identidade*”, Manuel Castells¹⁰⁸ analisa se os Estados são capazes de produzir nações e se as nações são capazes de formar Estados, e conclui que a partir da experiência soviética a teoria de que um Estado pode construir uma identidade nacional não é válida. Assim como as nações dificilmente podem construir Estados.

O Estado estabelece vínculos com os indivíduos ao compartilhar deveres e princípios de caráter moral, esse comprometimento difere das relações estabelecidas pela raça, onde os vínculos são naturais¹⁰⁹.

O Estado que é incompetente para satisfazer raças diferentes condena a si mesmo; o estado que trabalha para neutralizá-las,

¹⁰⁵ ACTON. Lord. Op. Cit.

¹⁰⁶ BREUILLY, John. Op. Cit.

¹⁰⁷ MILL J.S., *apud*. ACTON, Lord. Op. Cit. p.35.

¹⁰⁸ CASTELLS, Manuel. Op. Cit.

¹⁰⁹ ACTON, Lord. Op. Cit.

absorvê-las ou expulsa-las destrói sua própria vitalidade; o estado que não as inclui é desprovido da principal base da autogestão. Portanto a teoria da nacionalidade é um passo retrógrado na história¹¹⁰.

Para Gellner¹¹¹, todas as fronteiras políticas demarcadas pelos Estados estão predestinadas a serem injustas com alguns povos, devido à complexidade étnica que prevalecia nos tempos antecedentes ao Estado moderno.

Assim como o berço da nação é o exílio, é na guerra que o nacionalismo ganha força, é nesse momento que para Gopal Balakrishnam¹¹² a comunidade se apodera da imaginação, e a nação deixa de ser um quadro de referência informal e passa a ser certo. Em outros momentos os sujeitos se identificam com uma série de identidades nas quais pode se ligar e desligar, porém a identidade nacional possui vínculos com os quais você não pode se desligar, tornando-se uma “comunidade de vida ou morte”.

¹¹⁰ idem p. 42.

¹¹¹ GELLNER, Ernest. Op. Cit.

¹¹² BALAKRISHNAN, Gopal. Op. Cit.

4 ANÁLISE DAS TIRAS

As histórias de Asterix começam sempre com um mapa representando o local da aldeia gaulesa e uma introdução à história: “*Estamos no ano 50 antes de Cristo. Toda a Gália foi ocupada pelos romanos... Toda? Não! Uma aldeia povoada por irredutíveis gauleses ainda resiste ao invasor. E a vida não é fácil para as guarnições de legionários romanos nos campos fortificados de Babaorum, Aquarium, Laudanum e Petibonum...*”¹¹³

Essa resistência compõe o fio condutor que irá ligar todas as histórias de Asterix, que lutam contra a ocupação do exército romano comandado pelo imperador Júlio Cesar. Essa resistência pode ser entendida pelo fato da civilização romana ter tentado incorporar as culturas conquistadas, por isso as histórias de Asterix são muitas vezes encaradas como uma metáfora da resistência cultural francesa frente à essas imposições.

Este trabalho visa analisar algumas imagens selecionadas para levantar discussões acerca de identidade, nação, homogeneidade culturais e generalização, com o intuito de levantar questões acerca dos temas citados, mas não com interpretações fechadas e sim explorando algumas possibilidades de leitura visto a imensa gama de usos que as Histórias em Quadrinhos, chamadas HQ, podem assumir hoje em dia. Foram selecionados alguns álbuns como “*Asterix e o Combate dos Chefes*”¹¹⁴, “*Asterix e Cleópatra*”¹¹⁵, “*Asterix entre os Bretões*”¹¹⁶, “*Asterix e os Godos*”¹¹⁷ e “*Asterix e o Domínio dos Deuses*”¹¹⁸

¹¹³ GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. “*Asterix e os Godos*”. Trad. Eli Gomes. Rio de Janeiro: Record, 1969.

¹¹⁴ GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. “*O Combate dos Chefes*”. Trad. Paulo Madeira Rodrigues. Rio de Janeiro: Record, 1985.

¹¹⁵ GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. “*Asterix e Cleópatra*”. Trad. Paulo Madeira Rodrigues. Rio de Janeiro: Record, 1985.

¹¹⁶ GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. “*Asterix entre os Bretões*”. Trad. Jorge Faure Pontual. Rio de Janeiro: Record, 1985.

¹¹⁷ GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. “*Asterix e os Godos*”. Trad. Eli Gomes. Rio de Janeiro: Record, 1969.

¹¹⁸ GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. “*O Domínio dos Deuses*”. Trad. Cláudio Varga. Rio de Janeiro: Record, 1971.

Primeiramente começaremos com a introdução que é comum a todos os títulos da série:

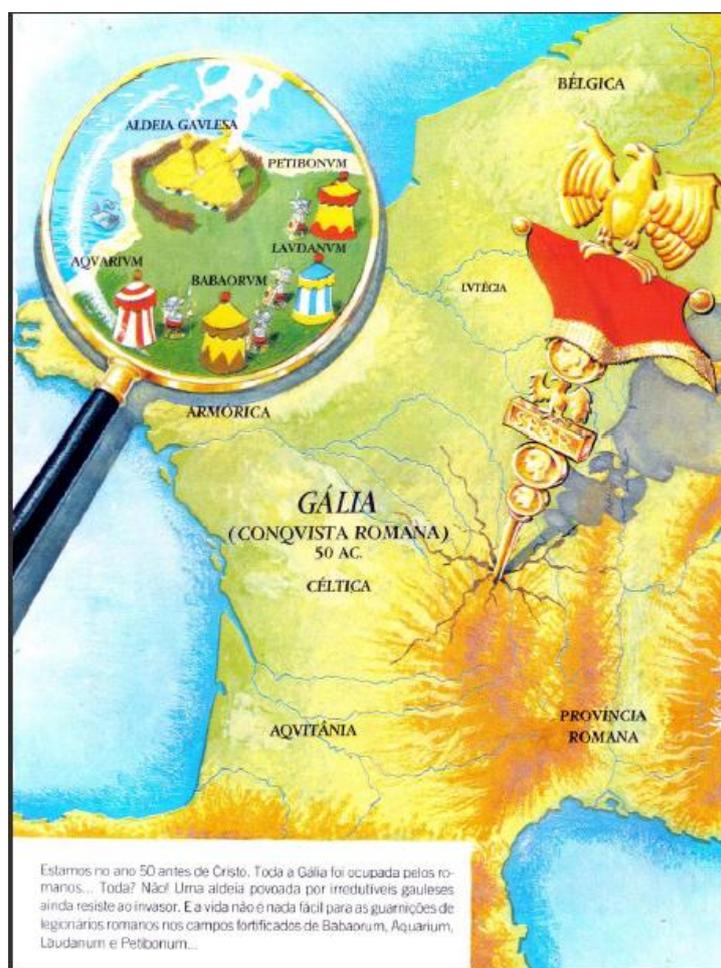


Figura 1-Asterix o Gaulês, GOSCINNY & UDERZO, 1968, p.3

Essa imagem contextualiza o leitor da aventura sobre os aspectos geográficos, utilizando aspectos gráficos e iconográficos, ao identificar a aldeia gaulesa em uma região próxima ao mar na Bretanha, região da Gália. Ela também informa ao leitor uma situação política, social, histórica e temporal ao elucidar que a região da Gália foi invadida pelo Império Romano, evidenciando um conflito social e a época que este ocorreu se baseando em conceitos históricos e situando o leitor cronologicamente em 50 A.C. Essa introdução às histórias de Asterix podem ser entendidas como uma iniciação aos sistemas de representação e significação.

A pequena aldeia gaulesa foi colocada como foco de resistência ao grande exército invasor romano, e através da diferenciação da alteridade é possível perceber duas identidades formadas, de um lado os gauleses invadidos e resistentes e de outro os romanos invasores. As identidades foram apresentadas uma em oposição à outra, umas das formas mais simples desse processo de identificação. Nas batalhas narradas em Asterix, os gauleses são imbatíveis a todas investidas romanas, apesar de numericamente inferiores, o que dificilmente ocorreria na época.

A forma como se enuncia a história reforça o caráter da identidade legitimadora que é atribuída aos romanos, ao passo que acentua a identidade de resistência gaulesa. A palavra “conquista romana”, pode ser analisada pelo aspecto histórico dessa conquista ter sido realizada por Júlio César, que havia sido incumbido dessa tarefa por Pompeu e Crasso, com quem dividia o poder e controle sobre o império romano. Após essa conquista César se fortaleceu e procurou formas de exercer o controle totalitário sobre todo o Império. Portanto essa “conquista romana” está associada com a figura de Júlio César em especial que ao longo da trama é considerado por nossos heróis como a personificação do Império Romano, ou seja, os invasores.

Por meio da invenção de uma situação de resistência permanente é feita uma sátira com a realidade da invasão que praticamente destruiu todas as formas de organização cultural dos povos gauleses. Ocorreram movimentos de resistência, porém as tribos gaulesas não possuíam estratégias militares tão avançadas como os romanos para fazer frente a eles e não puderam preservar seus costumes e tradições.

“DOMÍNIO DOS DEUSES”

A Figura 2 foi extraída do álbum “O Domínio dos Deuses”, nesta aventura Júlio César visa conquistar toda a Gália definitivamente, construindo uma vila romana nos arredores da aldeia gaulesa onde mora o “nosso herói” Asterix e seus companheiros. Para tanto, ele contratará um arquiteto que será responsável pelas obras, ele utilizará a mão de obra escrava e contará com a “proteção” das tropas romanas que estão instaladas ao redor da aldeia



Figura 2-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: O Domínio dos Deuses, GOSCINNY & UDERZO, 1971, p.5

A situação apresentada acima exprime os desejos do personagem de Júlio César de dominar culturalmente os gauleses através da assimilação cultural, uma vez que por meio da força não foi possível graças ao poder da poção mágica, que dá aos gauleses uma força sobre-humana. Essa aceitação a que Júlio César refere-se é uma adaptação cultural, ou seja, a construção de novos símbolos identitários, que neste caso se constituiriam com a convivência forçada com outra cultura.

Segundo Hall¹¹⁹ quando ocorrem mudanças estruturais e institucionais violentas, como no caso de uma invasão, o sujeito assume identidades fragmentadas e que, portanto não estão unificadas sobre um eu coerente, deslocando as nossas identificações. Essa concepção de identidade é referente ao sujeito pós-moderno defendida por Hall em seu livro *A identidade Cultural na Pós*

¹¹⁹ HALL, Stuart. Op. Cit.

*Modernidade*¹²⁰. Essa teoria foi desenvolvida posteriormente e se pauta na teoria do sujeito sociológico que vê o processo de criação de identidade como fruto da interação social que media os valores, sentidos e símbolos para o indivíduo.

As interações possibilitam um diálogo contínuo do *eu* com os mundos exteriores, portanto as identidades estão em constante modificação. No caso da tira analisada essa identificação se daria com o outro invasor, gerando um diálogo de identidades contraditórias e descentralizadas típicas do sujeito pós-moderno.

Júlio César quer construir um ambiente urbano nos moldes romanos no lugar da floresta, pois esta significa para os gauleses uma fonte de alimento e refúgio compondo um cenário de símbolos e significados que sustenta o caráter cultural dos gauleses, os gauleses percebem a floresta de modo diferenciado mantendo com a natureza uma relação orgânica já perdida pelos romanos. Já para os romanos a floresta representa um obstáculo à conquista ideológica e de fato, uma vez que ela impede que ocorra uma assimilação das características romanas. Essa visão diferenciada sobre o ambiente é fruto de vivências culturais distintas, onde os símbolos e tradições que foram apreendidos são antagônicos. César desta forma demonstra acreditar que a materialização do ambiente urbano, significativo culturalmente para os romanos, em substituição ao ambiente da floresta, significativo no mesmo aspecto para os gauleses, pode operar uma verdadeira transformação cultural nestes, fazendo com que sejam assimilados ao padrão cultural romano.

Depois de inúmeras tentativas frustradas por parte do arquiteto em construir a vila e do exército romano em proteger as obras, os gauleses penalizados com a condição dos escravos resolvem deixar os romanos construírem os edifícios. Na Figura 3 pode se observar o primeiro contato dos moradores da aldeia com os romanos habitantes da vila.

¹²⁰ HALL, Stuart. Op. Cit.



Figura 3-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: O Domínio dos Deuses, GOSCINNY & UDERZO, 1971, p.32

Nesta imagem podemos analisar uma primeira manifestação de identidades contraditórias, ao passo que o personagem de Ordenalfabetix possui uma identidade de gaulês que deve fazer frente ao invasor, ele também possui a identidade de comerciante, portanto deve vender seus peixes sem distinção.

A reação de sua mulher a princípio nos mostra uma reação de descontentamento, à qual seu marido argumenta reafirmando sua identidade de comerciante. Porém na tira que da seqüência a essa, a mulher de Ordenalfabetix mostra que seu descontentamento provém do preço que seu marido vendeu às romanas, pois se ele estivesse em Roma ele teria vendido os peixes a cinco sestércios cada um. Nesta situação temos o encontro de diferentes culturas produzindo alterações no padrão de identidade dos personagens. Se antes as identidades de gaulês e comerciante estavam em concordância, agora ele já se questiona se não deveria vender os peixes para as mulheres por elas serem romanas. Quando ocorre a formação de novas identidades e as velhas se fragmentam, temos o que Hall chama de “crise de identidade”¹²¹.

Como já foi dito por Claval¹²² a construção da identidade está intimamente ligada com a organização do território, portanto quando ocorrem mudanças territoriais que alteram as relações sociais que ali existiam, novas identidades se criam em decorrência das recentes vivências que ali se estabelecem, gerando um novo conteúdo simbólico.

¹²¹ HALL, Stuart. Op. Cit.

¹²² CLAVAL, Paul. Op. Cip.



Figura 4-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: O Domínio dos Deuses, GOSCINNY & UDERZO, 1971, p.36.

Temos o resultado dessa interação entre os habitantes romanos da vila com os moradores da aldeia na Figura 4, onde é possível observar as mudanças estruturais que ocorreram na aldeia com a chegada dos romanos. Quase todos os moradores resolveram virar comerciantes para atender às demandas criadas pela vila dos romanos. Novamente podemos enxergar o sujeito pós-moderno, que possui a soberania pra romper com as tradições existentes e adotar uma prática mais utilitarista, onde as conseqüências são pesadas individualmente independentes dos atos dos outros sujeitos, uma das características mais marcantes da identidade capitalista, não existente em Roma, mas utilizado pelo autor como metáfora sobre aquela sociedade.

De acordo com Hall¹²³, esse rompimento com as condições precedentes gera fragmentações intrínsecas no próprio ser, descentrando e deslocando as identidades, que passam a responder a vários centros de poder ao invés de apenas um. As tradições são histórias e costumes que compõe a base simbólica de um povo, elas são preservadas porque constroem significados e sentidos para as pessoas que delas partilham, quando elas não conseguem mais organizar um sentido, novas identidades surgem seguidas das tentativas de fortalecimento e consolidação das mesmas.

¹²³ HALL, Stuart. Op. Cit.

“O COMBATE DOS CHEFES”

Nesta aventura, os comandantes da guarnição romana de Babaorum, centurião Obtus e seu ajudante-de-ordens Flagelus, elaboram um plano para acabar de vez com a resistência da aldeia gaulesa. Utilizando-se do conhecimento das tradições e costumes dos habitantes da Gália, os romanos propõem ao chefe gaulês simpático ao invasor que faça um desafio ao chefe Abracurcix, no qual o vencedor comandará a tribo dos vencidos. Para garantir a vitória do chefe galo-romano, os legionários terão que dar cabo no druida Panoramix, para que este não prepare a poção que tornaria Abracurcix invencível.



Figura 5- Uma Aventura de Asterix o Gaulês: O combate dos chefes, GOSCINNY & UDERZO, 19//, p.5).

Na Figura 5, é possível identificar dois tipos de identidades prováveis, a da tradução e da tradição, ambas descritas por Hall¹²⁴. No primeiro quadro a ilustração de uma aldeia que foi invadida pelos romanos e aceitou pacificamente o seu destino, incorporando os símbolos materiais e imateriais dessa nova cultura ao passo que ainda preserva características anteriores ao contato cultural com outros povos, essas pessoas são consideradas traduzidas, pois transpõem entre as diferentes culturas traços característicos de cada uma, abdicando da vontade de ser gaulês ou romano, portanto de ter uma identidade fechada, elas podem ser caracterizadas como identidades híbridas.

Na segunda linha, os autores brincam com a questão da identidade na cena em que os habitantes da aldeia “traduzida” questionam-se sobre a utilidade de uma coluna de pedra, ao que o personagem responde que é para se assimilar com o estilo romano, o indagador então observa que se parece com o estilo grego. Essa piada pode ser compreendida se for remetida ao contexto histórico da formação do império romano, que assimilou uma série de símbolos da cultura grega, como a arquitetura, política e rebatizou seus deuses. Então, temos também que a cultura romana apesar de buscar homogeneizar os povos conquistados, se vale desses mesmos aspectos culturais para se recriar e, dessa forma pode ser considerada portadora de uma identidade híbrida e traduzida.

Na terceira linha temos a caracterização da aldeia de Asterix, gauleses irreduzíveis, que os autores afirmam serem exemplos da identidade gaulesa. Esses são representantes dos grupos que se voltam para a tradição, buscando um vínculo com o passado, no qual as formas de organização estão atreladas com identidades culturais homogêneas, os moradores da aldeia se identificam uns com os outros e procuram ser liderados por alguém que partilhe de seus símbolos culturais e conseqüentemente irá atrelar suas tradições culturais ao modo de vida.

Nesta figura, temos na última linha uma conversa do chefe Abracurcix com Asterix e Obelix, na qual os heróis estão voltando da caçada e são interrogados se havia alguma novidade, Asterix nega a existência de novidades, desse modo

¹²⁴ HALL, Stuart. Op. Cit.

evidencia uma situação corriqueira do cotidiano, onde o alimento é caçado na floresta e os romanos levam uma surra ao encontrar com os gauleses. Por fim, Obelix acrescenta: “Esses romanos são uns loucos!”. Desse modo salienta uma posição cultural, na qual o outro causa estranheza, e por não seguir as mesmas normas culturais é considerado louco.



Figura 6-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: O combate dos chefes, GOSCINNY & UDERZO, 19//, p.7.

Nesta Figura 6 temos diversos elementos no desenho que podem ser explorados sem o recurso dos balões como as casas ao fundo com colunas romanas e a estátua no centro da aldeia, já dão suporte para uma discussão acerca da questão de identificação cultural que é almejada por quem se vê englobado por uma cultura hegemônica, mas ainda é identificado como o outro dentro dela. Esse anseio de identificação é salientado nos diálogos que se estabelecem entre o chefe da tribo “traduzida” e os moradores da aldeia, exposta nitidamente quando este exige a construção de um Aqueduto, símbolo máximo da arquitetura e da civilização romana.

Esse desejo de aceitação traduz o sentimento de identificação com a outra cultura e os anseios de poder participar das vantagens que ela oferece. Dessa forma, o chefe da aldeia gaulesa traduzida sugere que aspectos naturais relevantes a sobrevivência da aldeia sejam modificados para adequar a aldeia gaulesa aos moldes de urbanização romana. A transformação não só da cultura, mas também do *modus operandi* da aldeia tem fundamento na necessidade de ressignificação do espaço da aldeia, ou seja, a água é o objeto de necessidade, no entanto ela oferecida pelo rio não satisfaz mais a necessidade da aldeia traduzida, para seu chefe a água agora deve ser proveniente de um Aqueduto, já mencionado como símbolo da cultura romana.

Na sequência acima o chefe da aldeia deixa explícito o processo de tradução da cultura gaulesa quando menciona a aparência das pessoas da aldeia, exigindo o corte de cabelo e a toga (símbolo romano). Fica claro então que surge uma terceira identidade, que não deixa de ser gaulesa e ao mesmo tempo não se torna completamente romana.

“ASTERIX E CLEÓPATRA”

Nesta aventura Júlio César faz uma aposta com a rainha Cleópatra de que ela não conseguiria construir um palácio para ele em três meses. Cleópatra encarrega o arquiteto Numerobis de realizar tal façanha, que por acaso é amigo de viagem de Panoramix a quem pede ajuda. Panoramix decide ajudá-lo e embarca em um navio rumo ao Egito na companhia de Asterix, Obelix e Idéiafix .



10

Figura 7-: Uma Aventura de Asterix o Gaulês:Asterix e Cleópatra, GOSCINNY & UDERZO, 1985, p.10.

Na imagem Figura 7 temos referência a um dos maiores símbolos culturais do Egito o Farol de Alexandria, que foi considerado como uma das Sete Maravilhas do mundo antigo, essa temporalidade é ironizada na fala de Panoramix que se refere ao farol como uma maravilha do mundo moderno, apesar dele ter sido construído aproximadamente 230 anos antes do que essa história. Novamente nota-se um artifício do autor usado para interligar dois tempos Nota-se novamente Obelix julgando os costumes e tradições de um povo com base em seus próprios atributos culturais, quando não vê necessidade de uma torre somente para guiar navios e chama os egípcios de neuróticos.

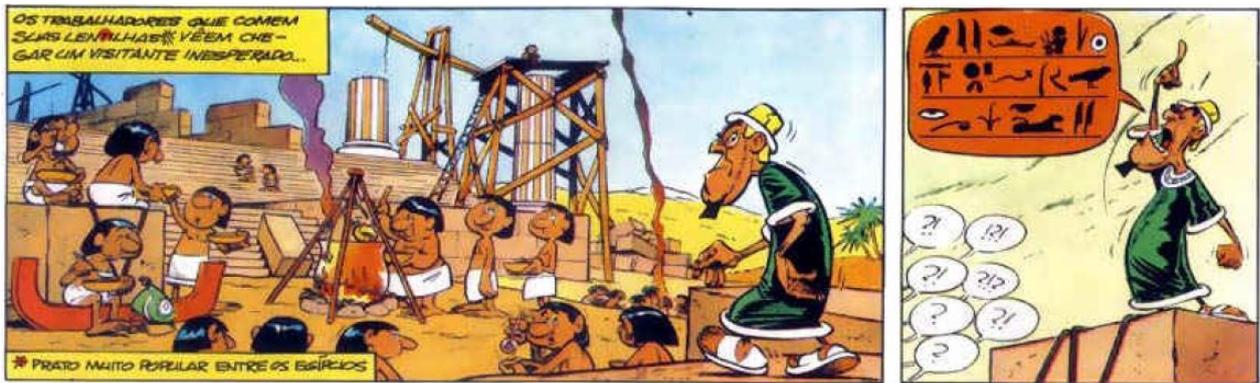


Figura 8-Uma Aventura de Asterix o Gaulês:Asterix e Cleópatra, GOSCINNY & UDERZO, 1985, p.10.

A Figura 8 reflete uma caracterização cultural realizada pelos autores que através de estereótipos criados a partir de elementos da cultura egípcia, a saber: corte de cabelo, a vestimenta e a comida; representam toda uma cultura complexa e cheia de simbologias.

Ao representar os personagens egípcios que constroem a pirâmide com traços muito semelhantes, podemos identificar a visão cultural que Kroeber defende, a teoria do “*Superorgânico*”¹²⁵, na qual o Homem é visto como um ser passivo, onde a cultura representa uma esfera superior que dita as ações e posturas, o Homem fruto dessa visão cultural seria então um produto extremamente semelhante aos seus conterrâneos, como no caso ilustrado

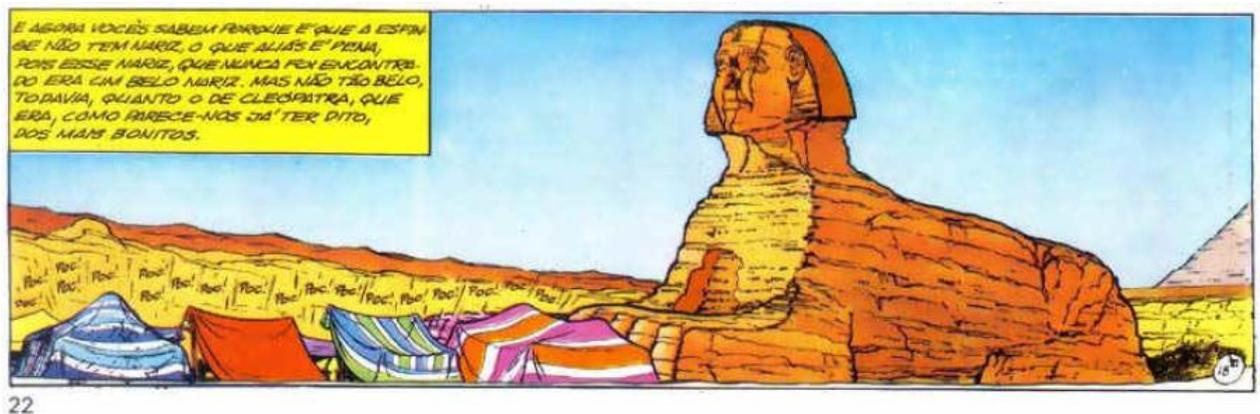


Figura 9-Uma Aventura de Asterix o Gaulês:Asterix e Cleópatra, GOSCINNY & UDERZO, 1985, p.22.

¹²⁵ DUNCAN, James S.. Op. Cit.



Figura 10-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: Asterix e Cleópatra, GOSCINNY & UDERZO, 1985, p.23.

Nas Figuras 9 e 10 a manifestação de características identitárias do povo egípcio, o uso dos símbolos como já dito é o que possibilita a perpetuação de uma cultura, neste caso apresentado nas ilustrações temos dois exemplos de símbolos que perduraram através dos tempos constituindo um marco no imaginário mundial e referência ao Egito.

Quando diferentes culturas entram em contato, sendo uma delas hegemônica, ocorre a super valorização dos elementos que agregam significados identitários, como no caso do complexo sítio arqueológico de Gizé, que compreende as pirâmides e a esfinge mostradas nas figuras acima. Atualmente transformada em ponto turístico e patrimônio mundial da humanidade, destino de recursos de todos os tipos motivados pela conservação destas ruínas como símbolos representativos da cultura egípcia, ou ainda um importante capítulo da história da humanidade.

“Do alto destas pirâmides, Obelix, vinte séculos nos contemplam!” Panoramix, o druída.¹²⁶

O druída antecede em séculos a frase célebre de Napoleão Bonaparte quando em visita ao Egito. Esta forma de anteceder fatos importantes da história é um elemento recorrente do humor de “Asterix”, evidenciando o caráter moderno de seus personagens.

¹²⁶ GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. “Asterix e Cleópatra”. Trad. Paulo Madeira Rodrigues. Rio de Janeiro: Record, 1985.



Figura 11-Uma Aventura de Asterix o Gaulês:Asterix e Cleópatra, GOSCINNY & UDERZO, 1985, p.26.

Neste último quadro, Figura 11, os autores fazem novamente uma referência a um ponto significativo para a cultura egípcia, mas o ponto a ser analisado refere-se à fala que transcorre entre Asterix e Obelix, o diálogo ocorre porque Obelix sugere levar o obelisco para o meio da praça da aldeia, o que causa estranheza em Asterix, que não vê contexto para tal façanha. Esta seqüência é uma referência ao fato de que um dos obeliscos de Luxor pode ser encontrado ainda hoje na capital da França no meio da *Place de La Concorde*, onde antes ficava a guilhotina, decorando a bela Paris, e é tido como um símbolo nacional. Essa apropriação cultural tanto sugerida no gibi quanto a ocorrida de fato é um exemplo do processo de ressignificação, no qual o obelisco egípcio se transforma em objeto de decoração francês e posteriormente símbolo desta nação.

É possível perceber uma mudança na concepção do povo francês, que hoje assimila símbolos de culturas diferentes como sendo um símbolo nacional, caracterizando mais uma vez o caráter híbrido que as culturas assumem quando são postas em contato com outras.

“ASTERIX ENTRE OS BRETÕES”

Neste episódio é retratado o momento em que o Império Romano procura conquistar a Bretanha, atual Reino Unido. Assim como na Gália existe uma aldeia que resolve resistir ao invasor, sem perspectiva de sucesso, pedindo ajuda aos nossos heróis da aldeia gaulesa, que não hesitam em embarcar para a Bretanha e ajudar a aldeia resistente.



Figura 12-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: Asterix entre os Bretões, GOSCINNY & UDERZO, 1985, p.6.

Na Figura 12 primeiramente nos é apresentado um mapa indicando o lugar que se dará a aventura, esse referencial geográfico é bastante útil, uma vez que a

Bretanha também era o nome de uma região da Gália. Dessa forma os autores localizam o leitor no cenário que a história se desenvolverá. As Histórias em Quadrinhos possuem a vantagem de poder contextualizar o cenário através da utilização de mapas, linguagem que trabalha com o campo das representações e dos símbolos.

Nos quadros seguintes são apresentadas algumas características do povo Bretão que se baseiam em uma generalização cultural e partem da visão de que todos os bretões possuem tais características, remetendo-nos a teoria do *Superorgânico* de Kroeber¹²⁷, na qual o Homem age de acordo com seus próprios padrões culturais. Essa homogeneidade cultural apresentada é muito utilizada para o humor uma vez que cria estereótipos passíveis de descrição.

Na imagem temos referência a dois hábitos marcantes dos bretões, atualmente ingleses, a de ter horários rígidos com tempos e horas para tudo e a de tomar chá às cinco horas da tarde. Nesta aventura eles ainda não conheciam o chá, portanto, tomavam água quente. O chá, nesta história, foi introduzido por Asterix, que pegou uma erva de Panoramix e levou pra Bretanha, e quando os romanos conseguiram destruir o suprimento de poção mágica que havia sido preparado para ajudá-los no combate dos romanos, Asterix lembra-se da planta guardada em seu bolso e finge que prepara a poção mágica, para que isto encoraje os guerreiros a lutar. No final da batalha ele confessa sua mentira para o chefe da aldeia que diz já saber da enganação, mas que estava feliz com o resultado e gostaria de receber mais daquela planta para transformá-la na bebida nacional.

¹²⁷ DUNCAN, James S.. Op. Cit.



Figura 13-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: Asterix entre os Bretões, GOSCINNY & UDERZO, 1985, p.19.

A Figura 13 é uma referência um aspecto do clima inglês, devido à presença de nevoeiros praticamente ao longo do ano todo. Contudo o clima da Inglaterra é muito variável e nada previsível como brinca o personagem bretão Cinemapax, dizendo que o tempo possui certa previsibilidade, nisto é possível visualizar o trabalho do autor com estereótipos. Uma das características geográficas marcantes daquela região é a mudança contínua do clima ao longo do dia. Se examinadas com atenção, as histórias de Asterix apresentam uma série de elementos geográficos, como o clima, vegetação e relevo, que compõem o cenário onde ocorrem as aventuras, ajudando a formar uma imagem sobre as regiões mostradas, contribuindo para a formação de planos de representações.

O último quadro da imagem faz referência aos *The Beatles*, grupo de rock inglês dos anos 60, que atingiu grande sucesso. Temos mais uma vez uma representação cultural moderna inserida em um contexto da antiguidade, o uso de símbolos nacionais britânicos é mais uma maneira de contextualizar e diferenciar os povos utilizadas pelos autores, uma vez que a associação que o leitor pratica é com

os símbolos que lhe são familiares. Se os autores optassem por fazer uma representação fiel daquela época, seriam poucos componentes significativos para o leitor, dificultando a compreensão das distinções pretendidas pelos mesmos.

“ASTERIX E OS GODOS”

Nesta aventura o druida Panoramix é seqüestrado por um bando de godos, povos originários da Germânia, enquanto participava de um encontro de druidas na floresta de Carnutes. Obelix e Asterix então vão a Germânia resgatar Panoramix.



Figura 14-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: Asterix e os Godos, GOSCINNY & UDERZO, 1969, p.23.



Figura 15-Uma Aventura de Asterix o Gaulês: Asterix e os Godos, GOSCINNY & UDERZO, 1969, p.24.

As fronteiras representam limites entre dois territórios, neste caso entre as áreas pertencentes ao grande império romano e as fora desse império. Um limite territorial marcado por fronteiras é a base material para que se desenvolva alguma forma de poder soberano, que irá normatizar as relações dentro das fronteiras, como exemplo podemos citar o Estado-Nação moderno.

O limite da fronteira não se atém apenas ao espaço de jurisdição e atinge o espaço de produção e reprodução da identidade nacional, e anula o que está fora dos parâmetros idealizados. Constitui um símbolo político e intelectual que molda a

projeção do poder, em seu alcance territorial, do Estado. A fronteira torna a nação um elemento palpável¹²⁸.

Como demonstrado nas histórias de Asterix essas fronteiras estão sempre sujeitas à discordâncias, uma vez que os territórios de diferentes povos se encontram estabelecendo uma fronteira que não esta necessariamente concretizada na paisagem natural, mas sim reside nas diferenças sócio-culturais que constroem as identidades destes povos, configurando uma categoria abstrata.

Nesta sequência de Figuras 14 e 15 temos uma ironia com a questão das fronteiras e da soberania sobre os territórios. Ao relatar ao seu oficial que os godos invadiram o país dos godos, este é repreendido, pois para se configurar uma invasão é necessário que haja uma diferença entre o território e o povo. O comandante cita como exemplo os gauleses invadirem o país dos godos, o que ocorre logo em seguida. Quando o legionário corre para avisar que desta vez se configurou uma invasão, um novo critério é apresentado: que para se constituir uma invasão é necessário de que esta ocorra para dentro da fronteira protegida, pois o que se passa em um território não compreendido pelo Império Romano não diz respeito à autoridade do império. Este conceito de invasão está intimamente ligado com a noção de soberania de uma nação.

A soberania pode ser entendida como o direito de exercer controle sobre uma região por meio de uma série de normas e padrões estabelecidos pela nação ou por representantes desta. Por se dar em um território determinado as ações tomadas fora de seus limites não podem ser resolvidas pela instituição que legitima o poder, como fica evidente nas imagens apresentadas.

O desejo de uma nação de comandar o seu próprio destino é a motivação necessária para que se criem instituições reguladoras das relações que se estabelecem com e no território. Essa forma de organização é um dos princípios que compõe o Estado- Nação moderno.

¹²⁸ QUIJADA, Mônica. “*Nación y Territorio: La Dimensión Simbólica del Espacio en la Construcción Nacional Argentina. Siglo XIX*”. In: Revista de Indias, 2000, vol. LX, núm. 219, pp. 373-394

A nação legitima o poder de auto-decisão de um povo a partir do momento em que se organiza em prol de objetivos comuns, criando instituições que visam garantir sua continuidade. Temos como resultado desse processo de criação de instituições e a formação dos Estados modernos. Apesar das aventuras de Asterix passar em uma época anterior à constituição desses Estados, elas foram escritas em 1960, quando os Estados estavam plenamente formados. Desse modo, possuem elementos atuais, que podem ser usados para se discutir essas formas de representação, pois retratam povos nacionais lutando para garantir sua autonomia e soberania.

O Estado-Nação é uma instituição criada para organizar os conteúdos simbólicos sobre uma mesma base, como a língua e a política. Por princípio estabelece seus limites com base na ocupação de povos tradicionais (nações), porém hoje abrange culturas distintas que tende unificar sob um sentimento nacional¹²⁹.

¹²⁹ HALL, Stuart. Op. Cit.

5 CONCLUSÃO

As Histórias em Quadrinhos são um campo fértil para a análise do imaginário social, pois transitam com facilidade por diversas esferas, facilitando a compreensão e interpretação pelos leitores. Possuem facilidade de romper fronteiras, agregam leitores de diferentes idades e posições sociais, permanecendo compreensível em diferentes períodos cronológicos. Por ser composta por ilustrações são compreendidas mais facilmente por outras formas de cultura, transpondo assim os limites territoriais impostos pelos Estados nacionais. Os desenhos trazem elementos visuais que são assimilados de maneira simples e, portanto, acarretam em uma interpretação mais significativa dos conceitos tratados.

Os quadrinhos de Asterix são uma forma de genealogia. Trata-se da representação de um povo que habitava o atual território francês, feita por autores franceses, reforçando assim o caráter de identidade nacional desta nação. As histórias se passam por meio da perspectiva cultural daquela cultura e servem como foco de identidade para o povo francês, assim como ferramenta para disseminar essa cultura pelo mundo, uma vez que essas histórias são traduzidas para 107 línguas.

As aventuras de Asterix alcançaram hoje o *status* de símbolo cultural da França, constituindo um dos mitos que fazem parte do imaginário popular. A posição alcançada pode ser entendida como resultado da busca por laços identitários que ocorre no período atual, onde o processo de globalização, ao possibilitar uma maior comunicação entre as culturas, ameaça romper com as “velhas” identidades nacionais e formar identidades mais globalizadas. Ao retratar uma aldeia que resiste ao invasor, as histórias de Asterix foram utilizadas como metáfora da resistência do local versus global, configurando um elemento formador de identidade de resistência.

A globalização ao possibilitar este diálogo entre as culturas provoca reações distintas. Por um lado, as sociedades vivem um processo de hibridização cultural, e

por outro buscam criar mitos e heróis que os distinguem criando laços com um passado imaginário que os une e legitime sua soberania sobre aquele território.

Na atualidade vivemos o que Hall¹³⁰ chama de “crise de identidade”, as identidades não se encontram fechadas e coerentes e sim em constante processo de transformação. Como vimos na análise das aventuras de Asterix, a crise de identidades não é uma exclusividade do sujeito pós-moderno. No entanto, com a agudização das forças produtivas no cenário técnico-científico-informacional parece que esta crise referida por Hall compreende uma abrangência muito maior do que a retratada nas histórias, pois ameaça romper com os laços nacionais que ancoram as instituições que legitimam o poder, trazendo questionamentos sobre novas formas de organização que não as nacionais.

A realização deste trabalho de pesquisa nos permitiu perceber que as culturas tradicionais são categorias usadas para legitimar identidades. Elas se pautam nas tradições como se estas fossem formas puras, que não recebem nem receberam influências de outras culturas. No entanto, toda tradição é inventada com base em situações cotidianas e, portanto nascem através do processo de interação. Tal forma de se construir a identidade se constitui de elementos transmitidos, retransmitidos e assimilados pelos sujeitos, que a torna única e particular a cada indivíduo. Portanto, falar da cultura de um povo é sempre um processo de generalização e um jogo de representação, pois desconsidera as características particulares de cada ser humano.

¹³⁰ HALL, Stuart. Op. Cit.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACTON, Lord. "Nacionalidade". In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). *Um Mapa da Questão Nacional*. 1º edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 1, p.23-45.

ALVES, José Moysés Alves. "*Histórias em quadrinhos e educação infantil*".

Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141498932001000300002&script=sci_art_text> Acessado em: 07/04/2011

BALAKRISHNAN, Gopal. "A imaginação nacional". In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da Questão Nacional*. 1º edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 7, p. 209-227.

BASTOS, Lo-Ruama Lóring. "*O Uso de História em Quadrinhos no Ensino de História*". Disponível em:

<www.seer.univale.br/index.php/UNIISTORIA/article/viewFile/3/8> Acessado em: 07/04/2011

BAUER, Otto. "A nação". In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). *Um Mapa da Questão Nacional*. 1º edição Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 2, 45-85.

BREUILLY, John. "Abordagens do nacionalismo". In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). *Um Mapa da Questão Nacional*. 1º edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 5, p. 155-185.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CASTELLS, Manuel. *“O Poder da Identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 2”*. 2º edição.. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000. 509 p.

CLAVAL, Paul. “O Papel da Nova Geográfica Cultural na Compreensão da Ação Humana”. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAL, Zeny (orgs). *Matrizes da Geografia Cultural*. 1º edição. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. Cap. 2, p.35-87.

DEFFUNE, Gláucia. *“Relato de uma experiência de história em quadrinhos”*.

Disponível em:

<<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/8628/6105>> Acessado em: 07/04/2011

D'OLIVEIRA, Gêisa Fernandes. *“Cultura em Quadrinhos: reflexões sobre as*

Histórias em Quadrinhos na perspectiva dos Estudos Culturais”. Disponível em:

http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n8_D'Oliveira.pdf Acessado em: 07/04/2011

DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armano. *“Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo”*. Tradução Alvaro de Moya. 2º edição. Paz e Terra. São Paulo.

DUNCAN, James S. O Supra-orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORREA. Roberto Lobato; ROSENDAL, Zeny (orgs). *Introdução à Geografia Cultural*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. Cap. 4, p. 63-103

ECO, Umberto. “O mito do Superman”. In: Apocalípticos e Integrados. p. 239-281. Disponível em: <Cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/umberto-eco-apocalipticos-e-integrados1.pdf> Acessado em: 07/04/2011

GELLNER, Ernest. “O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). *Um Mapa da Questão Nacional*. 1ª edição. Trad. Vera Ribeiro Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 4, p.107-155.

GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. “O Domínio dos Deuses”. Trad. Cláudio Varga. Rio de Janeiro: Record, 1971.

GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. “O Combate dos Chefes”. Trad. Paulo Madeira Rodrigues. Rio de Janeiro: Record, 1985.

GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. “Asterix e Cleópatra”. Trad. Paulo Madeira Rodrigues. Rio de Janeiro: Record, 1985.

GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. “Asterix entre os Bretões”. Trad. Jorge Faure Pontual. Rio de Janeiro: Record, 1985.

GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. “*Asterix e os Godos*”. Trad. Eli Gomes. Rio de Janeiro: Record, 1969.

GOSCINNY, Rene; UDERZO, Albert. “*Asterix o Gaulês*”. Trad. Tânia Calmon. Rio de Janeiro: Record, 1968.

HALL, Stuart. “*A identidade cultural na pós-modernidade*”. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.

HARVEY, David. “*Condição pós-moderna*”. 13ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 348 p.

HROCH, Miroslav. “Do movimento nacional à nação plenamente formada: o processo de construção nacional na Europa”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). *Um Mapa da Questão Nacional*. 1ª edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 3, p. 85-107.

LARAIA, Roque de Barros. “*Cultura: um conceito antropológico*”. 7ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. 115 p.

QUIJADA, Mônica. “*Nación y Territorio: La Dimensión Simbólica del Espacio en la Construcción Nacional Argentina. Siglo XIX*”. In: Revista de Indias, 2000, vol. LX, núm. 219, pp. 373-394

SMITH, Antony. "O Nacionalismo e os Historiadores". In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). *Um Mapa da Questão Nacional*. 1ª edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 6, p. 185-209.

TUSSI, Graziela Bergonsi; MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypychynski. "A história em quadrinhos como prática pedagógica no ensino". Disponível em:

<http://egal2009.easyplanners.info/area08/8313_Tussi_Graziela_Bergonsi.pdf>

Acessado em: 07/04/2011

Biografia René Goscinny, disponível em:<<http://www.bd2u.net/autores/6-Goscinny/11-Ren%C3%A9%20Goscinny-%20Biografia.html>> Acessado em: 08/09/2011

Entrevista com Albert Uderzo, disponível em:

<http://wn.com/Entrevista_con_Albert_Uderzo> Acessado em: 08/09/2011

Entrevista com Albert Uderzo. Revista Personnalité. Trip Editora. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.universohq.com/quadrinhos/2009/n10092009_09.cfm> Acessado em: 10/08/2011